

Caderno de Questões

99

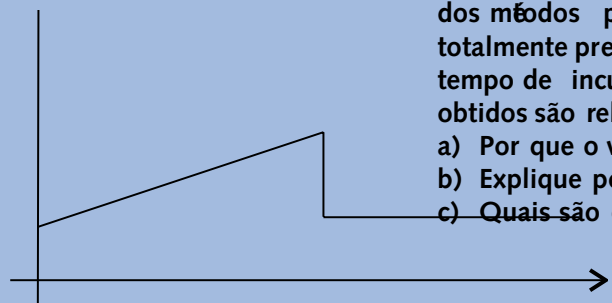


UNICAMP
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES

A Unicamp
comenta
suas provas

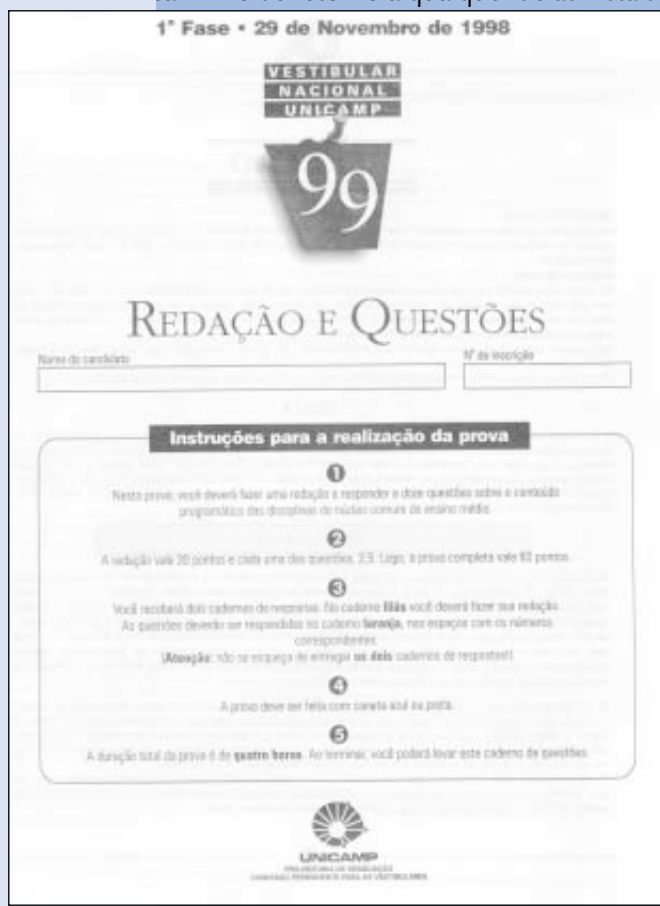
A produtividade primária em um ecossistema pode ser avaliada por dois métodos para medir a produtividade primária utiliza garrafas totalmente preenchidas com água do mar fechadas e mantidas no mesmo tempo de incubação, mede-se o volume de oxigênio dissolvido obtidos são relacionados à fotossíntese e à respiração.

- a) Por que o volume de oxigênio é utilizado na avaliação da produtividade primária?
- b) Explique por que é necessário realizar testes com os dois tipos de garrafas.
- c) Quais são os organismos presentes na água do mar responsáveis pela produtividade primária?

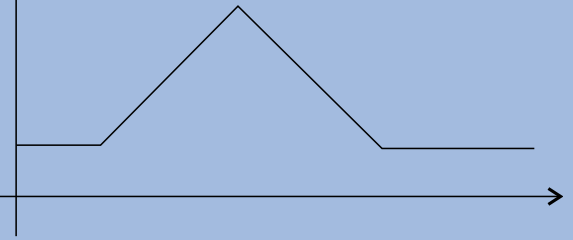
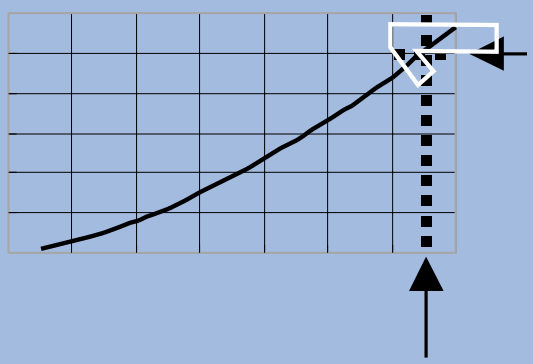


mandam-lhe vir do estrangeiro. automaticamente, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada e pelos padres da companhia; povo flagelado por todas as partes de uma nação culta, livre e original. (Romero, Sílvio.

não em razão do desígnio de seus colonizadores. Eles só quando as suas expectativas, nos erguemos, imprudentes, tanto de quantos haja, deles inclusive, na busca de nosso novo mundo, vale dizer um gênero singular de gente marcada por um caminho de retorno a qualquer delas. Esta singularidade

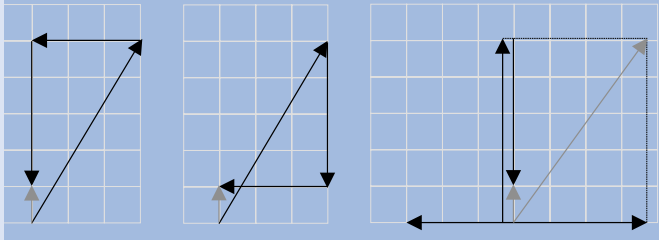
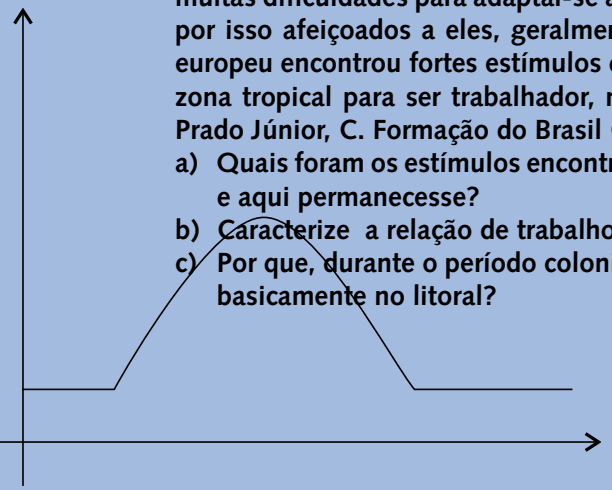


em transplantes... entre nós, em pauperis-



Ao desembarcar na América, em 1500, o colonizador encontrou um povo completamente diferente do seu. Contudo, apesar de muitas dificuldades para adaptar-se às áreas tropicais, os portugueses foram por isso afeiçoados a eles, geralmente sofrendo com a falta de trabalho. O europeu encontrou fortes estímulos que compunham a zona tropical para ser trabalhador, mas para ser proprietário. (Prado Júnior, C. Formação do Brasil Contemporâneo)

- a) Quais foram os estímulos encontrados pelo europeu que o atraíram para a zona tropical e aqui permanecesse?
- b) Caracterize a relação de trabalho fundamentalmente existente entre o europeu e o indígena.
- c) Por que, durante o período colonial, a população portuguesa permaneceu basicamente no litoral?



Como você já deve saber, a prova de Redação da Unicamp não procura avaliar simplesmente sua capacidade de escrever sobre determinado tema, ou seu conhecimento da modalidade culta da língua, mas avalia sua capacidade de “organizar idéias, estabelecer relações, interpretar dados e fatos e elaborar hipóteses explicativas”.

Para que isso seja possível, a Unicamp faz acompanhar cada um dos três temas propostos de uma coletânea de textos que fornece informações e perspectivas acerca de cada tema específico. Trata-se, portanto, de uma tarefa de escrita a partir de uma tarefa de leitura. Você deverá demonstrar, em sua redação, que é um leitor atento, que sabe selecionar dados interpretando-os segundo o seu ponto de vista. Como sempre acontece na prova de redação do Vestibular Unicamp, não basta você desenvolver o tema; a prova fornece um ponto de partida, algumas informações que você pode e deve utilizar no seu texto. E é também a coletânea que tem a função de delimitar o tema, de dirigi-lo, de especificá-lo.

Como em todos os anos, também no Vestibular 99 houve a possibilidade, para o candidato, de fazer a escolha entre três tipos de texto: dissertação, narrativa ou carta argumentativa. Vejamos, a seguir, os temas do Vestibular 99 e o que se esperava que um candidato escrevesse para cada um dos tipos de texto propostos.

Orientação geral

Há três temas sugeridos para redação. Você deve escolher um deles e desenvolvê-lo conforme o tipo de texto indicado, segundo as instruções que se encontram na orientação dada para cada tema. Assinale no alto da página de resposta o tema escolhido.

Coletânea de textos:

Os textos foram tirados de fontes diversas e apresentam fatos, dados, opiniões e argumentos relacionados com o tema. Eles não representam a opinião da banca examinadora: são textos como aqueles a que você está exposto na sua vida diária de leitor de jornais, revistas ou livros, e que você deve saber ler e comentar. Consulte a coletânea e utilize-a segundo as instruções específicas dadas para o tema. Não a copie.

Ao elaborar sua redação, você poderá utilizar-se também de outras informações que julgar relevantes para o desenvolvimento do tema escolhido.

ATENÇÃO: SE VOCÊ NÃO SEGUIR AS INSTRUÇÕES RELATIVAS AO TEMA QUE ESCOLHEU, SUA REDAÇÃO SERÁ ANULADA.

Tema A

O Brasil está em vias de completar cinco séculos de existência aos olhos do mundo europeu. São os já conhecidos 500 anos de seu descobrimento, que serão comemorados oficialmente em abril de 2000. Como em qualquer data importante, o momento é oportuno para um balanço e uma reflexão. O balanço poderia resultar muito parcial, se se prendesse exclusivamente a fatos econômicos e a dados sociais circunstanciais. Por isso, faz-se necessário, neste caso, considerar a questão de **quem somos hoje**. Tendo isso em mente, e contando com o apoio obrigatório dos fragmentos abaixo, escreva uma dissertação sobre o tema

500 anos de Brasil

1. Esqueça tudo o que você aprendeu na escola sobre o descobrimento do Brasil. (...) A dois anos das comemorações oficiais pelos 500 anos de descobrimento do Brasil, os últimos trabalhos de pesquisadores portugueses, espanhóis e franceses revelam uma história muito mais fascinante e épica sobre a chegada dos colonizadores portugueses ao Novo Mundo. O primeiro português a chegar ao Brasil foi o navegador Duarte Pacheco Pereira, um gênio da astronomia, navegação e geografia e homem da mais absoluta confiança do rei de Portugal, d. Manuel I. Duarte Pacheco descobriu o Brasil um ano e meio antes de Cabral, entre novembro e dezembro de 1498. (...) As novas pesquisas sobre a verdadeira história do descobrimento sepultam definitivamente a inocente versão ensinada nas escolas de que Cabral chegou ao Brasil por acaso, depois de ter-se desviado da sua rota em direção às Índias. (*ISTOÉ*, 26 de novembro de 1997.)

2. ... a despeito de nossa riqueza aparente, somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anacrônica. Aquele anda nas mãos dos negociantes estrangeiros; estas sob o tacão de alguns senhores feudais. A grande massa da população, espoliada por dois lados, arredada do comércio e da lavoura, neste país essencialmente agrícola, como se costuma dizer, moureja por ali abatida e faminta, não tendo outra indústria em que trabalhe;

pois que até os palitos e os paus de vassoura mandam-lhe vir do estrangeiro.

(...) povo educado, como um rebanho mole e automático, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada pelos governadores, vice-reis, capitães-mores e pelos padres da companhia; povo flagelado por todas as extorsões – nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original. (Romero, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 1881.)

3. O Brasil surge e se edifica a si mesmo, mas não em razão do desígnio de seus colonizadores. Eles só nos queriam como feitoria lucrativa. Contrariando as suas expectativas, nos erguemos, imprudentes, inesperadamente, como um novo povo, distinto de quantos haja, deles inclusive, na busca de nosso ser e de nosso destino. (...) Somos um povo novo, vale dizer um gênero singular de gente marcada por nossas matrizes, mas diferente de todas, sem caminho de retorno a qualquer delas. Esta singularidade nos condena a nos inventarmos a nós mesmos, uma vez que já não somos indígenas, nem transplantados ultramarinos de Portugal ou da África. (Ribeiro, Darcy. *O Brasil como problema*. 1995.)

4. Não conhecemos proletariado, nem fortunas colossais que jamais se hão de acumular entre nós, graças aos nossos hábitos e sistema de sucessão. Nem argentarismo, pior que a tirania, nem pauperismo, pior que a escravidão.

(...)

O Brasil jamais provocou, jamais agrediu, jamais lesou, jamais humilhou outras nações.

(...)

A estatística dos crimes depõe muito em favor dos nossos costumes. Viaja-se pelo sertão sem armas, com plena segurança, topando sempre gente simples, honesta, serviçal.

Os homens de Estado costumam deixar o poder mais pobres do que nele entraram. Magistrados subalternos, insuficientemente remunerados, sustentam terríveis lutas obscuras, em prol da justiça, contra potentados locais. (...) Quase todos os homens políticos brasileiros legam a miséria a suas famílias. (Affonso Celso. *Porque me ufano de meu país*. 1900.)

5. (...) Se tu vencesses Calabar! / Se em vez de portugueses, / - holandeses!? / Ai de nós! / Ai de nós sem as coisas deliciosas que em nós moram: / redes, / rezas, / novenas, / procissões, - / e essa tristeza, Calabar, / e essa alegria danada, que se sente / subindo, balançando, a alma da gente. / Calabar, tu não sentiste / essa alegria gostosa de ser triste! (Lima, Jorge de. *Poesia Completa*, vol. 1.)

6. O pau-brasil foi o primeiro monopólio estatal do Brasil: só a metrópole podia explorá-lo (ou terceirizar o empreendimento). Seria, também, o mais duradouro dos cartéis: a exploração só foi aberta à iniciativa privada em 1872, quando as reservas já haviam escasseado brutalmente. Exploração não é o termo: o que houve foi uma devastação, com a derrubada de 70 milhões de árvores. Como que confirmando a vocação simbólica, o pau-brasil seria usado, em setembro de 1826, para o pagamento dos juros do primeiro empréstimo externo tomado pelo Brasil. Ao deparar com o Tesouro Nacional desprovido de ouro, d. Pedro I enviou à Inglaterra 50 quintais (3t) de toras de pau-brasil para leiloá-las em Londres. A esperança do Imperador de saldar a dívida com o “pau-de-tinta” esbarrou numa inovação tecnológica: o advento da indústria de anilinas reduzira em muito o valor da árvore-símbolo do Brasil. Os juros foram pagos com atraso. Em dinheiro, não em paus. (Bueno, E. (org). *História do Brasil*. Empresa Folha da Manhã. 2ª ed. 1997.)

7. Jamais se saberá com certeza, mas quando os portugueses chegaram à Bahia, os índios brasileiros somavam mais de 2 milhões - quase três, segundo alguns autores. Agora, dizimados por gripe, sarampo e varíola, escravizados aos milhares e exterminados pelas guerras tribais e pelo avanço da civilização, não passam de 325.652 - menos do que dois Maracanãs lotados. (...) A idade média dos índios brasileiros é de 17,5 anos, porque mais da metade da população tem menos de 15 anos. A expectativa de vida é de 45,6 anos, e a mortalidade infantil é de 150 para cada mil nascidos. Existem pelo menos 50 grupos que jamais mantiveram contato com o homem branco, 41 dos quais nem sequer se sabe onde vivem, embora seu destino já pareça traçado: a extinção os persegue e ameaça. (Bueno, E. (org). *História do Brasil*. Empresa Folha da Manhã. 2ª ed. 1997.)

8. Há um Código de Defesa do Consumidor, há leis que cuidam do racismo, do direito de greve, dos crimes hediondos, do juizado de pequenas causas, do sigilo da conversação telefônica, da tortura, etc. O país cresceu. (Carvalho Filho, L. F. *Folha de S. Paulo*. 3 de outubro de 1998.)

Pelos textos apresentados na coletânea, era possível desenvolver uma dissertação, fazendo, dentre outros, os seguintes balanços possíveis:

I - Balanço favorável

- A nação brasileira pode considerar-se verdadeiramente emancipada, em termos étnicos e culturais, no sentido de ter desenvolvido uma cultura própria, ou mesmo de ser uma raça diferente. Na coletânea, essas posições são defendidas pelos dois textos que propõem os balanços mais otimistas para o país: o de Darcy Ribeiro, para quem os elementos indígena, português e africano se combinaram em uma nova etnia, que já não se confunde com nenhuma daquelas; e o de Affonso Celso, para quem haveria uma índole brasileira, profundamente pacífica e radicalmente avessa à ganância e à exploração.
- A herança portuguesa foi positiva para a cultura brasileira. O poema *Calabar*, de Jorge de Lima, aponta dois traços da cultura brasileira que teriam sido irremediavelmente perdidos se os holandeses tivessem tido sucesso em sua invasão do século XVII: a forte presença do catolicismo em suas devoções religiosas e festas populares, e a força dos sentimentos e das emoções. O candidato poderia acrescentar ainda outras marcas portuguesas na cultura brasileira, como a língua, a cordialidade, a forma de lidar com a diversidade racial, etc.
- Somos hoje uma nação com uma sociedade civil amadurecida, como apontam algumas leis mais ou menos recentes que zelam pela convivência social: o Código de defesa do consumidor, as leis que cuidam do racismo, dos crimes hediondos, etc.
- O candidato poderia usar os fragmentos da coletânea que fazem um balanço desfavorável e contestar as opiniões e informações que eles veiculam.

II - Balanço desfavorável

- O candidato poderia lembrar que a história que remonta ao descobrimento de Cabral foi por muito tempo a de um país-colônia. Para um autor como Sílvio Romero, o Brasil era, e seria por muito tempo, uma nação inculta, dependente e servil, arrastando um atraso de origem colonial. Ao passado colonial remonta também a mentalidade predatória que provocou a dizimação das populações indígenas e que levou à exploração descontrolada dos recursos naturais (FSP, *História do Brasil*). Pode-se mostrar outras permanências do passado colonial, como a má distribuição da renda e a espoliação do povo pelos mais abastados (Sílvio Romero).
- O candidato poderia ainda usar os fragmentos da coletânea que fazem um balanço favorável e contestar as informações ou opiniões que eles trazem.

III - Meio termo

- O candidato poderia usar os fragmentos da coletânea, favoráveis ou desfavoráveis, e desenvolver uma terceira posição, levando em conta, de maneira equilibrada, os elementos fornecidos pelos fragmentos.

Para que tudo isso fique mais claro para você, há, a seguir, alguns exemplos de redações¹ com alguns comentários. O primeiro exemplo é um texto que está razoavelmente adequado às possibilidades de desenvolvimento do tema. Vejamos:

Exemplo de redação

500 anos e pouco mudou

Ao chegar ao Brasil os portugueses encontraram matas, índios e uma cultura diferente. Baseados na exploração, destruíram o pau-brasil, aprisionaram os índios e invadiram a cultura. Somos, portanto, desde o período colonial, vítimas da exploração e violência, instrumentos estes que não conseguiram apagar nossa alegria exclusiva, mas certamente, colocaram-nos como nação pobre e submissa nestes quase 500 anos de existência do país.

O Brasil é uma nação grande e diferente: mistura de raças, aglomerado de culturas fundidas em uma só, verdadeira e simbólica. Caracterizado como alegre e despreocupado o brasileiro é, na verdade, um exemplo de povo sofrido, submetido, desde o início, à exploração econômica externa e às diferenças sociais internas cuja base encontra-se na distribuição desigual da terra e da renda em que parcela mínima detém o poder e o consumo e a maioria vive o problema da fome e miséria.

¹ A reprodução de todas as redações é fiel à escrita dos candidatos

Na realidade, em 500 anos, o Brasil foi palco de muitas violências. Destruímos nossas matas, poluímos nossos rios, permitimos que a seca devastasse o nordeste. Concomitantemente a civilização exterminou seus índios e, a cada dia, a nação mata de fome e desprezo muitos de seus filhos na medida em que faltam educação e alimentos, mas sobram injustiças e desigualdades.

Portanto o Brasil é, mesmo depois de 500 anos, uma nação ainda dominada, seja pelo capital externo ou pelas desigualdades e injustiças de sua própria nação. Assim, pode-se dizer que somos o fruto das relações do passado, que fizeram da cultura, os costumes, os problemas e o povo do Brasil de hoje.

Comentários

Vejam alguns problemas encontrados nessa redação. A passagem do primeiro parágrafo para o segundo é muito abrupta, faltando a necessária articulação. O candidato fez considerações gerais sobre a exploração portuguesa no primeiro parágrafo e inicia o segundo falando da mistura de raças que constitui o país. Mas, em seguida, retoma a questão da exploração para dizer que “o brasileiro é, na verdade, um exemplo de povo sofrido, submetido, desde o início, à exploração econômica externa e às diferenças sociais internas...”. O que faltou, portanto, foi explicitar de alguma forma a introdução da primeira idéia do segundo parágrafo sobre a “nação grande e diferente”, que, na visão do candidato, é uma avaliação equivocada do país, já que ele o vê de maneira diferente, como ficou claro no final do seu parágrafo.

Outro desliz de articulação ocorreu na passagem do segundo para o terceiro parágrafo, que se inicia com a expressão “na realidade”. Ora, essa expressão traz em si uma idéia de contraposição com algo dito imediatamente antes. Mas, se observarmos o final do segundo parágrafo, vemos que o candidato está descrevendo alguns problemas, como a distribuição desigual da terra e da renda, que acabam gerando fome e miséria. No terceiro, ele continua citando problemas, com uma diferença: os problemas apontados agora são de outra natureza (violência, destruição de matas, extermínio dos índios). Talvez, um “além disso” coubesse melhor para articular tantos problemas. A expressão “na realidade” cria a expectativa de que o candidato vá negar o que havia acabado de dizer e, como observamos, não foi o que aconteceu.

Independentemente de ter esses problemas de articulação, é possível entender a linha de pensamento do candidato. Ele tem uma opinião sobre o tema: abordou a idéia de que somos fruto da colonização exploradora realizada pelos portugueses, de que somos uma “nação pobre e submissa”, “vítimas da exploração e violência”. Todo o seu texto serviu para ele dizer, de diferentes formas, a mesma coisa: “somos o fruto das relações do passado, que fizeram da cultura, os costumes, os problemas e o povo do Brasil de hoje”. Para que sua idéia se sustentasse, trouxe alguns elementos da coletânea. Há remissões ao fragmento 6, sobre a exploração do pau-brasil, ao fragmento 7, sobre a questão indígena, ambos no primeiro parágrafo, e ao fragmento 2, sobre a distribuição desigual da terra e da renda, no parágrafo 2. Ainda sobre o extermínio dos índios, o candidato estabelece, no parágrafo 3, uma relação entre esses e os pobres de hoje, que “a cada dia, a nação mata de fome e desprezo”. Também houve uma tentativa de articulação do fragmento 3, sobre a questão da identidade, mas, como apontamos, ficou um pouco “solta” em seu texto, mesmo porque, logo em seguida, o candidato volta ao seu tópico central que dizia respeito às conseqüências da exploração sempre presente no país.

De um modo geral, pode-se dizer que essa redação, apesar de ter alguns desliz de articulação, cumpre a tarefa de fazer um balanço do processo histórico que resultou na nação que somos. O candidato poderia ter aprofundado sua opinião a respeito da exploração econômica vigente em diferentes épocas de nossa história, fazendo uma análise de todo o processo. Da forma como o fez, praticamente repetiu o que é consenso geral sobre o Brasil. Isso não significa um erro, mas também não caracteriza uma opinião bem desenvolvida sobre o tema. Garante ao candidato, no entanto, um desempenho dentro da média.

Exemplo de redação

Faltam quinhentos e tantos dias para os quinhentos anos do Brasil. Quem, ao ouvir esta frase, não se lembra da fatigante contagem regressiva da Rede Globo? Como se sabe, toda contagem regressiva leva a alguma coisa; ou a um acontecimento, ou a uma comemoração como é o caso. Mas uma reflexão a respeito disso leva a uma pergunta: O que será comemorado em menos de dois anos, em abril de 2000?

A resposta imediata é: os quinhentos anos do Brasil! Mas isso não é certo. Não se sabe com certeza nem a data nem a forma como ocorreu o descobrimento do maior país da América do Sul. Se a razão da festa fosse apenas a data histórica, esta já não teria tanto sentido.

Por outro lado, o que a Rede Globo e o Brasil estão comemorando é o país de hoje. Um lugar onde havia apenas índios, hoje tem uma economia forte, uma grande população, grandes indústrias. Antes havia escravidão e hoje os negros são livres e felizes. Conquistou-se leis para os trabalhadores e pobres, além de hoje haver até eleição direta. Realmente hoje o Brasil é outro.

No entanto, uma visão menos ufanista e mais realista, mostrará que a evolução houve, mas esta foi da pior maneira possível. Os índios que antes dominavam esta terra, hoje fazem parte de uma minúscula parcela da população. Se um dia o Brasil deixou de ser colônia para se tornar Reino Unido, para se tornar um país, isso aconteceu porque era interessante para a parcela poderosa da população. A razão ideológica contribuiu muito pouco para isso. A economia brasileira que antes exportava matéria-prima para importar produto manufaturado, hoje importa produtos mais modernos. É inegável que a indústria brasileira cresceu, mas 99% das grandes indústrias são multinacionais estrangeiras que se por um lado geram empregos, por outro levam o lucro para seus países de origem. As grandes indústrias brasileiras são em sua maior parte estatais que estão sendo privatizadas (inclusive as que geram lucro) à preços não muito justos e em leilões de legitimidade questionável. Além do mais a política econômica atual, não é a ideal para que o país cresça.

Quanto ao aspecto social, houve, sem dúvida, enormes conquistas por parte dos brasileiros. Mas deve-se lembrar que essas conquistas foram na maioria das vezes tardias se comparadas com outros países. Além do mais a desigualdade social, o racismo e a má distribuição de terras são problemas vigentes até hoje.

É então, por estes fatores que se questiona a comemoração dos quinhentos anos do Brasil. A grande modificação que seria digna de comemoração seria o fim do pensamento individualista para um pensamento mais coletivo por parte dos governantes do país. A frase: “Tudo deve mudar para ficar como está” ainda é válida hoje, como foi válida nesses quinhentos anos e foi a responsável pelas modificações brasileiras. É até compreensível que a Rede Globo comemore o meio milênio do Brasil, mas para a maioria da população não há outra razão se não a duvidável data histórica. Se daqui a 250 anos o Brasil tiver solucionado boa parte dos problemas que tem hoje, esta seria uma data muito mais digna de comemoração do que a atual. Esteticamente não ficaria tão bonito, mas seria mais justo. O fato é que nesses quinhentos anos o maior país da América Latina evoluiu bastante, mas não o suficiente que justifique uma comemoração. Ainda não.

Comentários

Essa redação é um bom exemplo de reflexão analítica sobre a questão proposta. O candidato introduz seu balanço do processo histórico brasileiro no questionamento que faz sobre a validade de comemoração dos 500 anos em abril de 2000. Se a data é questionável, como ele aponta no segundo parágrafo, mostrando a leitura que fez do fragmento 1, a razão da festa deve ser outra. E ele segue tecendo considerações sobre quais poderiam ser os motivos reais para as comemorações. Na verdade, só comemorariam aqueles com uma visão “ufanista” de um país que, ironicamente, realmente é outro: e a Rede Globo teria motivos, então, para comemorar. Mas o candidato contrapõe a essa visão ufanista a sua visão da realidade e, nesse momento do seu texto, realiza uma avaliação, um balanço sobre várias questões: os índios, hoje, são uma pequena parcela; os interesses de uma certa elite foram os motivadores da emancipação do país de colônia para Reino Unido; se há indústrias, muitas são multinacionais e as estatais estão sendo privatizadas; aponta ainda que a política econômica atual do país não contribui para o seu crescimento. No campo social, as conquistas foram tardias se comparadas com outros países. “Além do mais a desigualdade social, o racismo e a má distribuição de terras são vigentes até hoje”. É nesse balanço que percebemos a leitura que o candidato fez de alguns fragmentos da coletânea.

Relembremos que a Prova de Redação do Vestibular Unicamp avalia, de modo especial, além da sua capacidade de escrita, sua capacidade de leitura. Você deve, portanto, ler com cuidado a prova, mesmo porque um bom texto é resultado de uma leitura atenta da apresentação do tema e dos fragmentos da coletânea. De qualquer forma, você não precisa (nem mesmo deve) utilizar-se de *todos* os fragmentos da coletânea. Aliás, a seleção de alguns fragmentos deve obedecer a um projeto de texto elaborado antes da escrita da redação. Não se trata de utilizar quantitativamente a coletânea, mas sim *qualitativamente*. A coletânea especifica o tema, trazendo informações e argumentos sobre ele, para que, a partir disso, você possa desenvolver sua reflexão. Sendo assim, é preciso formar uma opinião, num primeiro momento, sobre o tema. Em seguida, tendo feito uma leitura cuidadosa da coletânea, você deve dela selecionar os argumentos que sustentem a sua opinião. Além disso, você também pode trazer outros argumentos de seu conhecimento para construir seu texto. O candidato, autor da redação analisada, utilizou idéias decorrentes da leitura do fragmento 7 (sobre a questão indígena), do fragmento 8 (sobre o crescimento do país), do fragmento 6 (sobre a exploração de matéria-prima brasileira e endividamento externo) e do fragmento 2 (sobre a má distribuição de terras e desigualdade social), relacionando-as com outros fatores de seu conhecimento sobre as diferentes situações passadas pelo país ao longo de seus 500 anos.

Seu balanço não é nada positivo. Aliás, ao apresentar sua visão da realidade, ele critica o fato de

haver uma visão ufanista do país que encontre motivos para comemorar. O candidato questiona, dessa forma, as comemorações, propondo que somente haveria motivos para comemorar se a postura dos governantes fosse menos individualista e se realmente modificações fossem feitas, não seguindo a máxima, ironicamente lembrada, segundo a qual “tudo deve mudar para ficar como está”. Para ele, portanto, não haveria motivos ainda para tal comemoração.

A respeito dessa redação, pode-se dizer que seu autor analisa a questão seguindo uma linha clara de raciocínio: ao iniciar, destacando a contagem regressiva da Rede Globo e, em seguida, ao descrever o que estaria sendo comemorado por essa emissora, o candidato revela sua opinião sobre isso. Não há motivos reais para comemorações, a não ser os que a Rede Globo veicula – mas que, na perspectiva irônica do candidato, expressa no terceiro parágrafo, adquirem uma outra conotação, especialmente se atentarmos para o balanço negativo que ele faz no quarto e no quinto parágrafos de sua redação.

Exemplo de redação

O Brasil se construiu com base numa história de distorções. A sociedade contemporânea é o resultado de um longo processo de erros, mentiras e grandes problemas não resolvidos. A moldura da história brasileira é marcada pelas injustiças e desigualdades que assolam este país.

O festival de enganações começa com o descobrimento e segue firme ao longo dos séculos. Descoberto pelos portugueses, o Brasil se inseriu nos quadros do Antigo Sistema Colonial, satisfazendo aos interesses externos! Na época de colônia começaram as grandes desigualdades sociais, “marca registrada” da nação. A opressão social, com o único interesse de preservar a hegemonia de uma pequena elite, é o berço das terríveis injustiças que caracterizam a sociedade. Explorado pela metrópole, o Brasil tomava o rumo da inevitável dependência econômica. O papel dos colonizadores foi colocar o país no caminho do subdesenvolvimento.

Vários são os exemplos de falseamento ideológico no Brasil colônia perpetuados pela história. O descobrimento em si contém uma farsa: jamais foi casual, como a história quis fazer acreditar. Daí em diante vieram outras mentiras, referentes a diversos aspectos: os contatos com os indígenas, a escravidão e o tráfico negreiro, os interesses dos colonizadores, a missão da igreja de trazer o cristianismo para os “povos pagãos” daqui. Há até a falsa idéia de que, fosse o Brasil colonizado por outra metrópole – Inglaterra ou Holanda -, não seria economicamente atrasado. Ora, os interesses seriam os mesmos, e a preocupação com a população pobre e oprimida seria igualmente nula.

Veio a “independência” e cresceram os espaços para o agravamento da situação. Que independência era aquela em que se preservavam todos os interesses externos em detrimento da real emancipação político-econômica? Manutenção da escravidão, crescimento constante das desigualdades, descaso das autoridades. Tanto na Monarquia como na República os problemas endêmicos do país permaneceram: concentração de terras e de renda, inexistência de oportunidades para a maioria, pobreza, fome, analfabetismo, desemprego. E as distorções estão sempre presentes, de acordo com os interesses dos grupos dominantes, tentando mostrar que o país vai bem. Foi assim na época da ascensão do café, na Era Vargas, no golpe militar com o “milagre econômico” e, atualmente, no Plano Real.

Efetivamente, houve fases de relativa prosperidade, com melhorias em alguns aspectos. Mas em nenhum momento houve ruptura com os laços históricos de subordinação externa; nunca foram tomadas medidas para cortar pela raiz os problemas do “Zé Povão”.

Diante de um quadro histórico tão assustador, as perspectivas de futuro e a situação presente podem parecer extremamente perversas. Afinal, são enormes os problemas da gente brasileira e não são nada animadoras as relações do Brasil com os países desenvolvidos: endividamento crescente, insegurança dos investidores, déficit comercial. Os erros históricos são fatores determinantes no Brasil de hoje.

Há, contudo, um elemento fundamental nesse povo sofrido, nesse país de contrastes. É um elemento que mantém o país na expectativa de um futuro melhor, indispensável para tornar o Brasil grande, como são grandes suas riquezas, seu território e sua gente. Esse elemento é a esperança. Aliada à força de vontade para mudar, para fazer o país crescer, para trabalhar, a esperança pode conduzir o Brasil a uma nova história, livre das amarras impostas pelos séculos de dificuldades.

Comentários

A linha argumentativa dessa redação se constrói sobre uma idéia que norteia todo o texto: a de que o Brasil é caracterizado por uma “história de distorções”, por um “festival de enganações”, cujas consequências determinam o Brasil de hoje. O candidato soube organizar os vários fatos pertinentes para construir sua argumentação nesse sentido. Ao articular com segurança fatos do passado histórico a fatos da realidade presente, demonstrou ser um bom leitor da coletânea, além de ser um conhecedor da história do Brasil, da qual seleciona alguns elementos importantes para construir sua argumentação.

Um exemplo disso está no parágrafo 2. O candidato toma as características da colonização como causadoras da situação atual. Se hoje existe dependência econômica, ela era “inevitável”, segundo o

candidato, dada a forma pela qual o Brasil foi explorado pela metrópole. Além disso, cita as desigualdades sociais iniciadas já na época da colônia e que hoje constituem “marca registrada” da nação. E ainda: “A opressão social, com o único interesse de preservar a hegemonia de uma pequena elite, é o berço das terríveis injustiças que caracterizam a sociedade”.

O descobrimento do Brasil – a primeira farsa, na avaliação do candidato – o inseriu num caminho de dependência econômica. Mesmo se tivesse sido outra metrópole, ele avalia que o resultado seria o mesmo. Sua leitura do poema de Jorge de Lima revela esta interpretação: seria ingenuidade pensar o contrário, Calabar não teria a solução. Outras mentiras são exemplificadas no terceiro parágrafo. Apesar de não haver nenhum fragmento da coletânea sobre a questão da escravidão dos negros e sua abolição tardia no Brasil, é relevante não esquecê-la na hora de fazer um balanço. E o candidato lembra-se dela por duas vezes: no terceiro parágrafo, quando enumera “outras mentiras”, entre as quais, “a escravidão e o tráfico negreiro”, e no quarto parágrafo, quando fala em “manutenção da escravidão”, mesmo depois da proclamação da independência. Entre as “outras mentiras” encontram-se ainda “os contatos com os índios” e “a missão da igreja de trazer o cristianismo para os “povos pagãos” daqui”, o que deixa entrever a leitura que se fez do fragmento 7.

Em seguida, o candidato avalia a independência como outra farsa, já que preservava “os interesses externos em detrimento da real emancipação político-econômica”. Os fatores elencados na seqüência remetem às várias questões abordadas por Sílvia Romero: “concentração de terras e de renda, inexistência de oportunidades para a maioria, pobreza, fome, analfabetismo, desemprego”. Perceba que o fragmento 2 é datado de 1881, mas seu conteúdo é ainda muito atual. Esse candidato notou isso ao dizer que “tanto na Monarquia como na República os problemas endêmicos do país *permaneceram*”. O problema é que tudo isso é distorcido, segundo ele, para satisfazer os interesses dos grupos dominantes, que tentam “mostrar que o país vai bem”. Poderíamos dizer que isso tem a ver com a visão ufanista veiculada no fragmento 4, de Affonso Celso.

Há distorções ainda em outros momentos: o candidato lembra de vários exemplos, ao longo da história, mostrando a continuidade, a perpetuação do “festival de enganações”: “Foi assim na época da ascensão do café, na Era Vargas, no golpe militar com o “milagre econômico” e, atualmente, no Plano Real.” Seu balanço histórico mostra, portanto, uma tendência constante, em toda a constituição de nossa história, a mentiras. Em apenas um momento, algumas considerações sobre “melhorias em alguns aspectos” são classificadas como “fases de relativa prosperidade” pelo candidato, porque nunca provocaram “ruptura com os laços de subordinação externa”.

O sexto parágrafo mostra a situação atual, nada animadora, articulada aos erros históricos. Dessa forma, mais uma vez, a análise do candidato mostra que “quem somos hoje” resulta de um longo processo histórico, ou seja, ele soube responder – e de forma muito sofisticada – à questão proposta pelo tema.

Exemplo de redação

Um Brasil em formação

Quando se fala em um país, é um processo natural a formação de uma idéia estereotipada na mente de qualquer pessoa. Esta associação tende a uma generalização demasiada e raras vezes condizente com a realidade. A Holanda tem moinhos e liberdade às drogas em Amsterdam. Já a Inglaterra conta com a respeitável Rainha Elizabeth II e também com os Hooligans que aterrorizaram Paris. De forma análoga, o Brasil está associado a mulatas, futebol, natureza exuberante, além de adjetivos recorrentes como “paraíso fiscal” e país pacífico com democracia racial. Mas generalizações, não raro, tendem ao erro.

A criação de mitos sempre acompanhou nossa história. O primeiro foi Cabral e sua chegada acidental à costa brasileira. Pesquisas vieram esclarecer que outro navegador chegara antes ao país, fato que desmonta a farsa do desvio na rota de Cabral às Índias. Não obstante, tal desvio sempre fora duvidoso, tendo base nas mudanças no Tratado de Tordesilhas à época da expansão ultramarina.

Outro mito que nos pertence é o do “país sem racismo”. Nada tão longe da realidade. A disparidade salarial entre negros e brancos é ultrajante. Além disso, os índios, primeiros habitantes dessa terra, hoje, lutam por reservas na floresta Amazônica e enfrentam dificuldades. Algumas tribos permanecem desconhecidas aos brancos, escondidas no interior da selva, e, desta forma asseguram sua sobrevivência. Esse conjunto de dados reais apontam para um Brasil com vários povos ainda não integrados, fugindo à ideal miscigenação que, além de racial, deveria ser cultural. Falta-nos o respeito mútuo.

Muito se fala em país pacífico. Não será preciso mencionar a guerra civil que os brasileiros vivem nas ruas diariamente, fugindo de assaltantes, desconfiando da polícia. Todavia, mesmo no plano internacional, não merecemos tal caracterização. O Brasil massacrou o Paraguai na pouco comentada Guerra do Paraguai. Se não carregamos a fama de assassinos como os nazistas alemães, devemos agradecer à inexistência de um Spielberg “*made in Paraguai*”.

Há que se citar nossa persistente posição de colônia. Nossa independência foi política, mas nunca financeira. Portugal utilizou nosso pau-brasil para pagar dívidas com a Inglaterra, e, há alguns meses, vendemos nossas estatais visando o pagamento de dívida externa. Por independência econômica, sofreremos o imperialismo americano e somos pressionados a aceitar o ALCA.

Entretanto, nosso mito mais desonroso está na política. Há no país políticos presenteados com total impunidade para seus atos, que não se esforçam para construir um país melhor. Nossas leis são obsoletas e permitem uma série de ilegalidades pela falta de rigor. A falta de fiscalização nos confere o título de paraíso fiscal, e essa visão é veiculada pelo globo.

Mas não podemos deixar de fazer ressalvas. A maioria dos brasileiros quer ajudar a transformar nosso país. Em meio a tantos mitos e verdades perde-se a noção do caminho a seguir. Enquanto dizem que nosso nacionalismo só vem à tona no Carnaval e na Copa do Mundo de Futebol, organizamos campanhas contra a fome e violência. Temos protestos, manifestações, lutamos por um novo país. A falha integração de nossos povos vem dando lugar à unidade em esperanças por mudanças.

Em 500 anos de Brasil, ou muito mais quando consideramos o período somente de índios, a realidade do Brasil é extremamente complexa. E é exatamente essa complexidade que garante sermos únicos. Um país com calor humano, gente alegre e sofrida, honesta e desonesta. Somos um país em formação.

Comentários

Ao procurar responder à questão “quem somos”, o candidato discute os vários mitos que, segundo ele, caracterizam certas visões estereotipadas do Brasil. O que ele quer defender é que definições genéricas “tendem ao erro”. Portanto, ao responder a essa questão, não pode incorrer no mesmo erro. Sua argumentação, então, é construída no sentido de descaracterizar os vários mitos que, ao longo de nossa história, foram construídos. Para isso, ele se utiliza de vários fatos históricos que desmentem os mitos, alguns trazidos da leitura da coletânea, e outros, de seu próprio conhecimento.

O primeiro foi o do descobrimento, com a chegada acidental de Cabral às terras brasileiras. O candidato o desmentiu ao reproduzir as informações que lera no fragmento 1 sobre a chegada de outro navegador no Brasil antes de Cabral. Além disso, menciona o Tratado de Tordesilhas que, da maneira como foi feito, deixou pistas de que havia já um conhecimento de nossas terras. Outro mito é o do “país sem racismo”, denunciado pela disparidade salarial existente entre negros e brancos como exemplo gritante de que ainda há racismo. Aponta também para a questão dos índios, que “enfrentam dificuldades” e só sobrevivem, muitas vezes, porque “algumas tribos permanecem desconhecidas aos brancos”. Embora o candidato não tenha trazido diretamente os dados do fragmento 7 sobre o extermínio dos índios, é possível perceber a referência a esse fragmento na desconstrução que ele está fazendo do mito do “país sem racismo”. Como isso poderia ser verdade, se a história do país revela, por exemplo, a falta de respeito com a cultura indígena? — é o que se pode concluir das entrelinhas do parágrafo 3.

Outro mito altamente difundido, segundo o candidato, é de que o Brasil seria um país pacífico. Pode-se dizer que esse mito está de alguma forma caracterizado no fragmento 4, de Affonso Celso, especialmente no trecho “*O Brasil jamais provocou, jamais agrediu, jamais lesou, jamais humilhou outras nações*”. O candidato, para refutá-lo, lembra a violência existente nas ruas, denominada por ele como “guerra civil”, descrevendo um exemplo da falta de paz nacional; também menciona as atrocidades ocorridas na Guerra do Paraguai, como um exemplo de violência cometida pelo Estado brasileiro. O mito da independência é contestado a seguir: nunca tivemos independência financeira. O fato de o pau-brasil ter sido utilizado por Portugal para pagar juros da dívida (fragmento 6) foi comparado pelo candidato às privatizações que hoje ocorrem com a mesma finalidade. A relação estabelecida entre a utilização do pau-brasil para pagamento da dívida e as atuais privatizações retrata a perpetuação da dependência econômica existente no Brasil que, por sua vez, descaracteriza o mito da independência.

O último mito diz respeito à política. O candidato não explicita qual seria esse mito, mas poderíamos imaginar que deva ser algo relacionado à questão da honestidade dos nossos governantes, expressa no fragmento 4: “*Os homens de Estado costumam deixar o poder mais pobres do que nele entram. Magistrados subalternos, insuficientemente remunerados, sustentam terríveis lutas obscuras, em prol da justiça, contra potentados locais. (...) Quase todos os homens políticos brasileiros legam a miséria a suas famílias*”, especialmente porque sua argumentação se dá com a denúncia de que há políticos que são “presenteados com total impunidade”. Além disso, “nossas leis são obsoletas e permitem uma série de ilegalidades pela falta de rigor” – comenta o candidato. E a falta de fiscalização confere-nos o título de “paraíso fiscal”. Portanto, é possível dizer que ele está refutando, mais uma vez, as afirmações de Affonso Celso.

Pode-se dizer que essa redação é caracterizada por um ponto de vista definido desde o seu início. O candidato sabia o que queria dizer a respeito do tema e o fez com propriedade, mostrando, através dos mitos que descreveu e, principalmente, que desconstruiu, sua avaliação sobre vários fatos históricos que resultaram na nação que somos. Fica claro que o ponto de vista do candidato é o de que não se deve

generalizar ou veicular nenhum mito na definição do país. A resposta à questão “quem somos” é extremamente complexa. “E é exatamente essa complexidade que garante sermos únicos” – afirma o candidato, fazendo uma referência quase que explícita ao que diz Darcy Ribeiro sobre a nossa singularidade: “Somos um povo novo, vale dizer um gênero singular de gente marcada por nossas matrizes, mas diferente de todas, sem caminho de retorno a qualquer delas”. Podemos imaginar que o que motivou esse candidato a escrever seu texto foi a leitura atenta do fragmento 3, de Darcy Ribeiro. Não somos ainda um país “pronto”, ainda que existam muitos mitos que tentem nos estereotipar. Segundo Darcy Ribeiro, estamos condenados “a nos inventarmos a nós mesmos” e é justamente essa idéia que o candidato transmite ao longo da redação e, explicitamente, ao terminá-la afirmando que “Somos um país em formação”.

Anulações

Exemplo de redação anulada

Intrigas no “país –maravilha”

Onde vivemos? Quem somos? Perguntas tão simples tornam-se complexas à medida em que nós analisamos o nosso passado e o passado de nosso país. Mentiras, verdades assustadoras e, principalmente, a omissão de tantas outras verdades fazem com que a gente pense e relacione o passado com o presente, sem deixar o futuro de lado. Mas o presente é horrível! Temos ainda hoje, famílias passando fome, pessoas desonestas e, principalmente, pessoas lá em cima que agem com indiferença. Pessoas essas, que ainda manipulam os menos favorecidos através de uma mídia sem escrúpulos, que glorifica o nosso “país-maravilha”. O mais engraçado e, ao mesmo tempo, triste é que isto não está nos nossos livros de história ou geografia, pois está bem em nossa frente. Os fatos mudam, pessoas são assassinadas, o desemprego aumenta e a saúde é precária. Isso sim é nossa verdadeira história

Comentários

A redação *Intrigas no “país–maravilha”* é um exemplo de desenvolvimento equivocado: o candidato não utilizou nenhum fragmento da coletânea. O que encontramos são algumas idéias sobre o Brasil de hoje, referidas genericamente, sem que um balanço do processo histórico caracterizador da situação retratada tivesse sido feito. Como já dissemos, muito mais do que avaliar apenas sua escrita, o Vestibular Unicamp avalia sua capacidade de leitura. Daí a presença da coletânea. Desprezá-la, como esse candidato fez, é contrariar uma das especificações da tarefa pedida. Não nos resta outra alternativa senão a de anular textos como este.

Caso freqüente de anulação

Meu País

O Brasil é um país rico em recursos naturais e possui uma população pobre em sua maioria. A grande maioria da população recebe um ensino educacional de má qualidade, que deixa muito a desejar. A educação que o brasileiro recebe é o que o faz ainda ser um país de terceiro mundo.

Um país que tem na educação a base de seu planejamento, com certeza é um país de primeiro mundo com uma nação respeitada e admirada por todos. Temos como exemplo disto os E.U.A. e o Japão.

O Brasil, infelizmente, teve governos que não utilizaram a educação como meta principal, e hoje somos o que somos: uma nação que ainda possui milhares de analfabetos, uma nação onde a metade dos eleitores não tem, ao menos, o primeiro grau do ensino básico (o voto é obrigatório) e uma nação que possui escolas onde o ensino é muito deficiente.

Em relação à parte financeira, nosso país é muito injusto. As pequenas empresas, que são as nacionais e as maiores geradoras de emprego, se vêem com a menor “fatia do bolo” no mercado financeiro. Elas não conseguem competir com as multinacionais e ainda se atolam nos impostos que têm que pagar. Conclusão: o nosso dinheiro vai parar, mais uma vez, na mão de estrangeiros...

As coisas andam meio invertidas por aqui! A educação que é a base de uma nação, não está sendo vista, ainda, com sua devida importância. As empresas nacionais continuam perdendo para as estrangeiras. Precisamos mudar este quadro com urgência.

Apesar das notícias que correm nos jornais serem assustadoras, acredito que o Brasil é um país que pode dar certo, mesmo tendo sido explorado tanto e por tanto tempo.

Acho que estamos querendo começar a crescer, e precisamos de contar, não somente com a colaboração do governo, mas de toda população brasileira. Recursos naturais nós temos de sobra! Basta sabermos utilizá-los com inteligência e sabedoria para este país se tornar um país de primeiro mundo e uma grande potência.

Comentários

Esse é um exemplo típico de redação que somente retratou questões da atualidade do Brasil. Se nos perguntarmos onde está o balanço do processo histórico que resultou na nação que somos, não encontraremos resposta e, infelizmente, esse foi o caso de muitos candidatos que apenas descreveram o Brasil de hoje. Como você deve saber, o Vestibular Unicamp, em sua prova de Redação, propõe uma tarefa que, se não for cumprida, implica a anulação da redação. Portanto, essa redação foi anulada por não responder à tarefa pedida, isto é, à tarefa de fazer um balanço histórico da constituição do país.

Exemplo de redação anulada

0, 100, 200, 300, 400, 500 anos

Faltam 687 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 686 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 685 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 684 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 683 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 682 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 681 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 680 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 679 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 678 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 677 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 676 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 675 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 674 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 673 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 672 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 671 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 670 dias para os 500 anos do Brasil.
 Faltam 669 dias para os 500 anos do Brasil. E daí será que quando o Brasil completar quinhentos anos vai mudar a nossa situação?

Comentários

Existem muitos equívocos sobre o que seja escrever uma boa redação em um Exame Vestibular. É preciso esclarecer que textos como este decorrem de uma falsa compreensão do que seja criatividade na escrita e que esta criatividade não é um dos traços considerados positivos para avaliar redações. O que não pode ser esquecido é que há uma tarefa a ser realizada pelos candidatos, especificada na proposta de redação, para cada um dos três tipos de texto. Se um candidato opta por fazer o tema A, deverá desenvolver uma *dissertação*. Se fizer uma poesia ou uma narrativa, terá sua redação anulada. Assim também ocorre nos outros dois tipos de texto. Se a opção for o tema B, o que se espera é a construção de uma *narrativa*, assim como se a opção for o tema C, o candidato deverá escrever uma *carta argumentativa*.

Tema B

Imagine-se nesta situação: um dia, ao invés de encontrar-se no ano de 1998, você (*mantendo os conhecimentos de que dispomos em nossa época*) está em abril de 1500, participando de alguma forma do seguinte episódio relatado por Pero Vaz de Caminha:

“Viu um deles [índios] umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e então para as contas e para o colar do capitão, como que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por o desejarmos; mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar.” (Caminha, Pero Vaz de. *Carta a El Rey Dom Manuel.*)

Redija uma narrativa em 1ª pessoa. Nessa narrativa, você deverá:

- a) participar necessariamente da ação;
- b) fazer aparecer as diferenças culturais entre as três partes: você, que veio do final do século XX, os índios e os portugueses da época do descobrimento.

No Tema B 99, esperava-se que o candidato, considerando os conhecimentos de alguém do fim do século XX, construísse um narrador que participasse de alguma forma do episódio narrado por Caminha. Assim sendo, esperava-se que fossem exploradas, de forma relevante, as diferenças culturais entre portugueses, indígenas e alguém dos dias de hoje, observáveis, por exemplo, em fatos como os seguintes:

- os portugueses aliavam aos interesses econômicos um certo intuito religioso. Eram católicos e pretendiam, ao conquistar a terra, cativar os nativos para sua religião. Daí a presença dos elementos ligados à liturgia católica: a cruz, o rosário, etc.
- embora não entendessem com que tipos de seres estavam lidando (até que ponto seriam humanos?), os portugueses sempre viram nos índios seres menos dotados e facilmente enganáveis;
- os portugueses não concebiam seres sem malícia e sem noção de pecado e, por isso, espantavam-se de ver os índios nus, a viver sem nenhum constrangimento;
- ao defrontarem-se com os brancos com suas vestes e embarcações vistosas, os índios acreditavam que eles viessem de um mundo superior (dos deuses) e que, por isso, eles detivessem poderes mágicos.

Além da compreensão da seqüência de ações do índio (atraído pelas contas de um rosário, pede-as para si e envolve-as em seu pescoço; a seguir, tira-as daí e enrola-as no braço; acena para a terra, para as contas e também para o colar do capitão), o aluno deveria levar em conta que Caminha supõe que os índios trocariam aquilo (as contas e o colar) por ouro. Essa suposição tem a ver com o possível dourado do colar (corrente ou cordão) do capitão. Deveria ficar claro para o candidato tratar-se de uma suposição fundada num desejo dos portugueses e não no significado real dos gestos do índio.

Exemplo de redação

A roda nua de lanças. Pequeno pênis com adornos na glândula. Lança e cipó, cipó. Levanto os olhos, rostos franzidos, expressões endurecidas. Mas os olhos inquietos os denunciaram. Estou procurando, procuro, procuro. Mas que azul é esse? Céu pleno. Índios? Sim, índios. Índios e lanças. O cheiro do dia é denso, quente. Olho-os fixamente. E, pela primeira vez, vejo homens em roupas pesadas, ornados com brasões e listas douradas. Minha nudez, também estou nu, meus pêlos todos pontilhados de areia. Meu Deus. Meu Deus. Fico repetindo baixinho, fecho os olhos, meu Deus. Ainda não sei, um índio passa ao meu lado, gargalha, seus músculos duros bastante protuberantes. O que está havendo? Minha nudez, minha aliança, até minha aliança fora do dedo. Ouço o sorriso confuso da tarde, os índios se afastam. Levanto-me. Acorados no mar, navios solenes, grandes. Um, dois, onze navios. Mas... caravelas? Sim, caravelas. Eu, caravelas ancoradas no mar, índios nus, eu nu, homens fardados em veludo vermelho, espadas paralelas às pernas.

Olho os índios à minha frente. Aproximam-se dos homens brancos cheios de ornamentos. Tão solenes quanto as caravelas. E a minha relutância, não, não quero compreender, pelo menos não agora. Estou com medo. Mas por que não me tocaram, por quê? Não sei, pouca coisa entendo. Poucos índios de olhos arregalados e às vezes rindo ao redor dos homens de veludo. Percebo que falam português, foi alívio o que senti? Ou foi uma comisseração grossa, uma dor tão repentina que me fez confundir o que sinto? A verdade começa a desnudar-se aos poucos, fecho os olhos para não vê-la. Caminho em direção ao grupo, há dezenas de grupos de homens de veludo e índios nus pela praia. Um índio aponta com curiosidade para um rosário esbranquiçado, acho que são pérolas. Toca-o com cautela, retrai o braço. O homem aveludado retira-o do pescoço, estende-o ao índio, o qual começa a rodá-lo nas mãos, sorrindo. Depois aponta para um colar de pedras verdes que pende pelo pescoço de um homem um pouco afastado do grupo. Nesse instante, abaixo-me, já sentindo a acidez de minhas lágrimas quentes. Meu Deus, não acredito. Um misto de dor e ódio, fantasia e areia quente lesando meus pés. O ódio como pretexto, mas por que esses homens todos de veludo, todos solenes e transpirando? Perplexos, perplexo o índio, sob a proteção de sua nudez quase agressiva, em busca do rosário. E eu nu. Nu. A nudez de compreender o que agora vejo. Será que estou deixando de me ser? Transformei-me em quê? Em pompa de caravela. Os rostos jorrando suor, os portugueses, já não me quero. Meu Deus, o que é isso? Solidão. Agora eu sei – eles não me vêem.

O índio insiste, a voz anavalhada urrando pelo colar esverdeado. O silêncio repentino. Uma súbita compreensão: não se tocam. E o choro retorna intenso, o rosário vai destruí-los. Eles não me vêem. Ontem, a lança, a cuia, o beijo. Hoje, o rosário de pérola e as roupas de veludo. Amanhã, no meu hoje, a escória, a cisão do mundo, a destruição de corpos feridos. Meu corpo nu ferido. A sensação de culpa, a calma diante da crueldade da minha situação. Acordei no momento em que se corrompe a pureza, a inocência, a simplicidade. Estou me tornando um cúm-

plice? Não sei, e eles não me vêem. Nenhum deles. Nenhum deles. Mas eu vejo, estou à frente. Estou no meu hoje. Posso lançar meus olhos comiserados para eles. Entender! Entender por que estou aqui, por que não me vêem, não me interessa. Apenas me dói o que vejo. O que vejo me entristece, me enlouquece, extrai de mim o desejo de entender como tudo isso aconteceu.

Enxergo a face, a areia arranha a minha pele. O rosário no braço do índio, como pulseira. Se ao menos pudesse arrancar de seu pulso aquelas pérolas malditas! Contraste engraçado. E, num súbito segundo de ódio e amor enlouquecidos, corro em direção ao índio, agarro o rosário, puxo-o com força. As pérolas estilhaçadas caem sobre a areia. Estão todos imóveis, o mar inerte. E, sobre a areia, brilhando esperançosas, as contas de pérola quietas sob o sol incerto do céu nu. Como eu.

Comentários

No tema B deste ano pediu-se uma narrativa em primeira pessoa. O autor deste texto não só utilizou esse foco narrativo, como também centrou o desenvolvimento da história na figura do narrador-personagem, alguém do século XX que, de repente, vê-se em 1500 diante de índios e portugueses daquela época. As idéias e sentimentos desencontrados que se alternam em sua mente são enfocados desde a primeira frase, quando, através da descrição daquilo que ele vê, nós, leitores, somos atirados à mesma sensação de estranhamento com que ele se depara. A partir desse início inquietante, as descobertas vão se acumulando numa vertigem crescente (a visão do céu aberto, dos índios, dos portugueses, a descoberta da própria nudez) que atinge o seu ápice no momento em que o narrador percebe que não pode ser visto pelos outros. Neste momento, todos os indícios que se acumulavam revelam a verdade que ele se recusava a compreender: o fato de que ele está realmente presenciando o primeiro contato entre índios e brancos no país, o início da destruição de toda uma cultura, a corrupção da pureza, da inocência e da simplicidade dos índios – e não pode fazer nada para impedir que isso aconteça. Porém, diante da possibilidade de tornar-se cúmplice por não agir, o narrador toma uma atitude desesperada: corre em direção ao índio e arranca-lhe o rosário do pulso. O texto se encerra com esse gesto, e o leitor fica suspenso entre a convicção de que o esforço foi inútil, já que o nosso mundo permanece inalterado, e a esperança de que algo tenha se transformado, esperança refletida no brilho das pérolas “sob o sol incerto do céu nu”.

O trabalho do candidato, no entanto, não se restringe à excelente caracterização das idas e vindas na consciência do narrador, em que se alternam a perplexidade, a inquietação, a vergonha, a comiseração, a dor e o ódio; tudo no texto é construído de forma a que essas sensações tenham peso e cor. O tempo da narrativa, por exemplo, presentifica a ação: as frases nominais no início do texto, assim como os verbos no presente (“levanto os olhos”, “procuro”, “olho-os”), faz com que o leitor adira à consciência do narrador e se envolva como ele nos acontecimentos; assim, a sua surpresa e perplexidade é também a nossa, também é nosso o ódio à iminente destruição.

O progressivo entendimento da situação em que o narrador se encontra dá-se não apenas através das suas reflexões, mas também com uma pertinente descrição do cenário. A primeira imagem da narrativa é a “roda nua de lanças”, seguida pelo “pequeno pênis com adornos na glândula” – tanto uma quanto a outra já prenunciam a descoberta futura da nudez do protagonista, que é retomada habilmente no último parágrafo, com o “céu nu”. É desnecessário chamar a atenção para a função simbólica dessa nudez, remetendo à pureza e a inocência dos índios, que serão inevitavelmente corrompidas; clara função simbólica tem também a ausência de aliança no dedo do narrador, em contraposição ao rosário que o índio amarra no braço “como pulseira” e que já denota a sua submissão.

Se o narrador, o espaço e o tempo estão unidos organicamente para compor o enredo dessa narrativa, também as personagens são muito bem caracterizadas: à descrição precisa e detalhada do protagonista, com a clarificação crescente da sua consciência através da alternância de diversas idéias e sensações, acrescenta-se a descrição mais sucinta, mas não menos precisa, dos índios e dos portugueses. Através de detalhes que vão se acumulando (os rostos franzidos, as expressões endurecidas, os músculos duros, os olhos arregalados, os gestos cautelosos e a voz anavalhada dos índios; as roupas de veludo vermelho, as espadas, os ornamentos, o suor e o ar solene dos portugueses), as figuras vão pouco a pouco ganhando forma e consistência.

Concluindo a leitura deste texto, observamos que, além de construir uma narrativa em que todos os elementos estão integrados num enredo que cumpre com excelência o que se pede na proposta do tema B, o candidato não se limita a assinalar as diferenças entre as três culturas envolvidas no encontro (a do protagonista proveniente do século XX, a dos portugueses e a dos índios); interpreta o valor simbólico dos objetos envolvidos na troca – percebe que o rosário de pérolas é apenas o início da “cisão do mundo”, vê claramente o momento do encontro entre portugueses e índios como o momento da corrupção da pureza, da inocência e da simplicidade: “o rosário vai destruí-los”. E, no último gesto do protagonista, na tentativa patética de alterar a história, marca o seu repúdio a tudo isso.

Não me lembro bem de como tudo começou. A última coisa de que me lembrava era que estava numa roda de amigos discutindo sobre a campanha dos 500 anos do Brasil da Globo, quando me vi na pele do cachorro de um marinheiro.

Estávamos em alto-mar e a embarcação parecia bem antiga, aliás, não só a embarcação como os tripulantes também. Estes pareciam que nunca tinham tomado banho, digo isso pelo cheiro que chegava a me enjoar. Eles usavam umas roupas estranhas e falavam algo que parecia português. Resolvi dar uma volta pelo barco, até que percebi que de alguma forma eu tinha vindo parar na nau que descobriria o Brasil.

Dito e feito, no dia seguinte chegamos ao “Novo Mundo”. Ficamos rodeando a costa por algum tempo, apreciando aquela magnífica cobertura verde. Aqueles navegantes nem imaginavam que toda aquela floresta seria devastada no futuro e a importância de se preservar a natureza. Foi quando alguém avistou índios na praia. O capitão mandou ancorar o barco e ordenou alguns outros, que estavam passando vinagre no porão, embarcar algumas mercadorias num barco menor. Nunca entendi porque eles passavam vinagre no porão mas também não liguei muito.

No barco pequeno ia o capitão na frente, o escrivão, o padre e três marinheiros. Eu também fui, só que escondido no meio das coisas. Não perderia aquilo por nada. Quando todos desembarcaram, dei um jeito de encontrar uma fresta para observar. O padre entregou seu rosário a pedido de um índio, que brincou um pouco com as contas e apontou para o colar do capitão. Como nada fizera, devolveu o rosário ao padre e ficou a observar um estranho pássaro.

Um dos marinheiros, a mando do capitão, veio até o barco pegar a galinha que estava a meu lado e que o índio tanto olhava. Percebi que esse marinheiro tinha o corpo coberto por feridas e estava meio pálido. Se não recebesse tratamento logo, provavelmente morreria.

Quando chegou perto dos nativos, ele jogou a ave em sua direção. Eles ficaram assustados, não por terem jogado a galinha neles mas nunca terem visto antes um pássaro não saber voar. Foi quando o padre sugeriu ao capitão que realizasse uma missa. A primeira, neste solo “recém-descoberto”. Aproximaram-se de uma pedra enorme e ficou só o padre a falar, todos se sentaram e se colocaram a ouvir, inclusive os índios.

Fazia um calor insuportável e eu queria sair debaixo daquele peso. Aquela era minha chance, sair enquanto todos rezavam. Maldita hora em que resolvi sair. Enquanto me dirigia a mata fechada, um outro grupo de nativos, esses com lanças, arcos e flechas, me viu e começou a correr atrás de mim. Disparei feito um foguete em direção ao barco quando tropecei e desmaiei.

Acordei no sofá, de volta ao século vinte, rodeado pelos mesmos amigos da discussão, com uma tremenda dor de cabeça. Eles me explicaram então que eu tinha escorregado na escada da adega e ficava latindo o tempo todo. Nunca expliquei a eles a insólita experiência que tive.

Comentários

Aqui o candidato cumpre o que foi pedido: constrói uma narrativa do ponto de vista de alguém do século XX, considerando as diferenças entre a sua cultura, a dos portugueses e a dos índios. Essas diferenças, porém, limitam-se aos aspectos mais superficiais: as roupas estranhas e o mau cheiro dos portugueses, o espanto e a agressividade dos índios. Mesmo nos momentos em que o narrador poderia contrapor os seus conhecimentos aos dos homens do século XV, ele se limita a observações ingênuas: “aqueles navegantes nem imaginavam que toda aquela floresta seria devastada no futuro e a importância de se preservar a natureza”; “se não recebesse tratamento logo, provavelmente morreria”.

O fato de o protagonista ter se transformado num cachorro, que poderia ter sido explorado como efeito cômico ou como estopim para maiores complicações na trama, não é desenvolvido, e acaba se tornando quase irrelevante. Ainda com relação à figura do narrador, não há nenhum espanto, nenhuma perplexidade, quando ele percebe que voltou no tempo. A própria percepção desse retorno (ao contrário do texto anterior, em que a situação ia se tornando mais clara pouco a pouco, em meio à dúvida e à inquietação do protagonista) é simples e sem conflitos: “Resolvi dar uma volta pelo barco, até que percebi que de alguma forma eu tinha vindo parar na nau que descobriria o Brasil”.

O episódio do encontro entre índios e portugueses tampouco apresenta qualquer conotação maior que a de um simples episódio pitoresco a ser descrito; não há sequer um esboço de interpretação do significado daquela troca. Assim, embora este texto cumpra corretamente a tarefa proposta, ele não vai além disso, e estamos longe da complexidade e da sutileza presentes na narrativa anterior.

Era uma quarta, estávamos próximos das comemorações escolares para o dia do descobrimento do Brasil e por isso nosso professor de história pediu para que abrissemos o livro no referido assunto. GRRRR!! Eu odiava história, principalmente as roupas bregas daqueles que apareciam nas enciclopédias como heróis do passado. Oras, descobrir o Brasil, grande coisa!! Eu viajo todos os anos para a Europa! Meu pai vive mais no Japão do que aqui! Não consigo imaginar o porquê de tamanha admiração...

Bem, já que a aula não acabava, resolvi tentar participar e comecei a fixar os olhos na figura de Pedro Álvares, nosso descobridor. Figura que nosso mestre insistia:

– Vejam meus alunos, o olhar sério, vindo do orgulho por ter descoberto as riquezas desta nação!

Olhei, olhei até ver a figura piscar. Piscar?! Levantei a cabeça e em volta de mim já não se encontravam mais as carteiras, o ventilador, as paredes! Olhei para a frente e dei de cara com a figura que segundos atrás piscava mas que agora bradava comigo: “O que fazes com estas estranhas vestimentas hein marujo!?! Deixes para lá, vá e se troque pois estamos atacamdo em terra desconhecida!”

Meio atordoado, vesti as roupas que me deram. Os outros do navio também me olharam atordoados mas o interesse pela terra era maior. Tudo era estranho pois só haviam cordas, barris, trapos! Onde estariam as máquinas, os interruptores, o computador de bordo? Minha confusão durou até grito cortá-la: “capitão, os marujos estão voltando da nova terra!” Para surpresa geral vinham com eles, adivinha só, índios! Minha face ostentava o mesmo espanto que a dos nativos, pelados e vermelhos, muito vermelhos. Eu ainda estava espantado quando vi os índios se acomodarem a ponto de pedirem umas contas de rosário brancas que estavam sobre um caixote. Um deles colocou a peça no pescoço enquanto sinalizava para o colar do capitão. Sinalizava aliás, como se propusesse uma troca. Percebi no ar dos lusitanos a mudança de expressão de espanto para sorrisos e perguntei para o capitão o motivo da alegria. A resposta estava no fato de que achavam que os nativos dariam ouro em troca das peças e uma frota encaminharia-se para a terra para efetuar o negócio.

Horas depois estávamos, eu e os marujos, em terras do novo lugar, aliás, bellissimo lugar. Avistei alguns animais que segundo meu professor de biologia já eram extintos. Lamentei a lembrança pensando na crueldade do homem quando um estouro caminhou no ar! BUM, gritavam as ferozes espingardas portuguesas pois acabavam de descobrir a não existência do ouro. “Onde já se viste, trocar um rosário por um punhado de frutas!! Vamos companheiros, ensinar ao hereges o valor da nossa gente!” Gritava o encarregado da expedição. Após a matança, voltamos para a caravela e fixei de novo na figura de Cabral que sabendo do ocorrido e principalmente da não existência de ouro, sustentou um olhar sério, o mesmo olhar que o professor se referia...

Foi nessa hora que olhei para o lado e vi a mudança: tudo tinha voltado inclusive os alunos e o professor. Eu não estava mais com as antigas vestimentas e passado todo o susto comecei a prestar atenção no professor que voltava a tecer elogios sobre o olhar de Cabral.

Este é um exemplo de texto que, a partir de um único elemento, constrói todo o seu enredo. Neste caso, o elemento, como já nos indica o próprio título, é o “olhar sério” de Cabral: é no momento em que o vê piscar, durante a aula de história, que o narrador-personagem é atirado ao passado, e é a ele que retorna no final da narrativa, numa estrutura circular.

Desde o início do texto já se contrapõem aqueles que serão os dois pólos da narrativa: o olhar desconfiado e irreverente do narrador, um estudante que odeia história e que não vê nenhum sentido na glorificação dos descobridores do Brasil, e o olhar sério e solene de Cabral, que sintetiza a visão corrente, defendida pelo professor, de que os portugueses teriam sido bravos heróis. Através da narração daquilo que ele presencia em sua volta no tempo, o protagonista gradualmente desconstrói essa imagem heroica: mostra o interesse exclusivamente econômico dos portugueses e a sua hipocrisia ao caracterizar os índios como “hereges” não em razão de sua religião, mas quando descobrem que eles não têm ouro.

As diferenças temporais soam um pouco forçadas: o narrador estranha não encontrar um computador de bordo no navio (estranharia se se tratasse de um navio da nossa época?) e encontra “alguns animais que segundo meu professor de biologia já eram extintos” sem especificar que animais seriam esses. Há uma tentativa de marcar as diferenças entre o protagonista e os portugueses através da fala destes, mas o candidato se engana, cometendo um deslize gramatical, ao colocar na boca de um deles a frase “onde já se viste”.

De qualquer maneira, a interpretação dos interesses ocultos dos portugueses e das conseqüências desse primeiro encontro para o futuro dos índios é bem clara. Com o retorno da narrativa à figura inicial de Cabral e do seu olhar sério, mostra-se que era justificada a desconfiança inicial do narrador e que os elogios tecidos pelo professor são um grande equívoco.

Anulações

Exemplo de redação anulada

De volta ao passado

Diario de vos: 12 de abril de 2000.

Tudo pronto.

Doutor Vítor relatando – Apos 20 anos de pesquisa eu desenvolvi a maquina do tempo que H. G. Wells sempre sonhou, e estou prestes a vaze a primeira viagem temporal da historia; destino: abril de 1500; lugar: caravela de Cabral.

Essa maquina tem mesmo principio do tele-transporte, so que ao inveis de se transportar para o destino ele também o eleva para uma epoca definida.

Doutor o reator esta pronto.

Bem é hora de partir.

Iniciar seqüência de transporte!

5...4...3...2...1 ativar!

Vejo meu laboratório sumir e um deposito aparecer.

Terra a vista! – Gritou alguém la fora.

Computador iniciar hologramas de ambientação.

Pronto Doutor.

Vamos ver o Brasil original.

Não mais do que 6 horas tinham se passado e nós ja tinhamos desembarcado.

Alguns homens levaram um susto com o que na nossa epoca é comum, homens e mulheres semi-nus, o que para o indio é normal pois ele não tem o pudor do branco, o mais engraçado é que na nossa epoca nos vestimos assim com objetivos sexuais.

Agora uma coisa que nunca muda são as festas dos brancos, enquanto que para o indio a festa é religiosa, para o branco é farra com muita bebida alcoolica e sexo.

...

Fez uma semana que estamos aqui e eu posso ver o “orgulho” do branco por ser civilizado, vejo como eles fazem os indios de bobos, enchem a cara deles de alcool, estрупam as mulheres e até alguns homens, nessa epoca é brincadeira, na minha epoca é crime.

Vou voltar pois não consigo ver mais essas atrocidades contra esse povo ingenuo.

Computador, inicie seqüência de retorno.

Comentários

Embora haja aqui um narrador pertencente ao século XX que volta até 1500 e presencia a diferença entre as três culturas (atendo-se sobretudo ao aspecto moral: contrapõe o pudor dos portugueses à naturalidade dos dias atuais com relação à nudez; a pureza e a religiosidade dos índios à nossa sociedade que valoriza o sexo e a “farra com muita bebida”), esta redação foi anulada porque o candidato desconsiderou completamente o episódio de troca narrado por Caminha, que era parte da proposta do tema B e não podia ser ignorado.

Exemplo de redação anulada

Havíamos acabado de desembarcar vindos de portugal. Saimos em um cortejo, liderado pelo capitão com o intuito de explorar o interior das terras que a pouco tempo haviam sido descobertas.

Recebendo orientações da rota que deveria seguir, passei a liderar o grupo. Seguimos pelas colônias e trilhas existentes, até que acabei avistando um deles. O capitão tomou-me a frente demonstrando ser o líder.

O índio acenando, pegou umas contas de rosário e colocou-as no pescoço, passando a gesticular de modo estranho; nenhum de nos entendiamos. Tirando as contas do pescoço, o índio as enrolou no braço passando a acenar para a terra, para as contas e para o colar do capitão; gestos que demonstravam estar disposto a levar as contas e o colar.

Fingimos não entender o desejo do índio pois não iríamos lhe dar as contas e o colar. Acabei passando acreditar que o índio nos daria ouro em troca daquilo.

Comentários

Se observarmos o que vem especificado no item b da proposta: “fazer aparecer as diferenças entre as três culturas: você, que veio do final do século XX, os índios e os portugueses da época do descobrimento”, notamos que o candidato não cumpriu o que lhe foi pedido. Nada nesta narrativa indica que o narrador seja alguém proveniente do século XX; pelo contrário: o modo como ele age e se insere na história leva a crer que se trata de apenas um membro da tripulação portuguesa, sem nenhum conhecimento do futuro.

Faça de conta que você tem um amigo em Portugal que confia muito em você e que estava pensando em passar uma temporada no Brasil e talvez até em migrar. Suponha também que, recentemente, ele lhe tenha escrito uma carta dizendo que está pensando em abandonar tal projeto, em consequência das notícias sobre o Brasil que tem lido ultimamente. Para justificar-se, ele incluiu na carta a seguinte amostra de manchetes, que o impressionaram, publicadas com destaque em menos de um mês, em um único jornal:

- **FALTAM ÁGUA, LUZ E TELEFONE NAS ESCOLAS, DIZ PESQUISA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO** (Folha de S. Paulo, 16 de setembro de 1998)
- **METADE DOS ELEITORES NÃO TÊM 1º GRAU** (Folha de S. Paulo, 20 de outubro de 1998)
- **BRASIL É CAMPEÃO DE CASOS DE DENGUE, LEPROSA E LEPTOSPIROSE NAS AMÉRICAS** (Folha de S. Paulo, 21 de setembro de 1998)
- **MISERÁVEIS SÃO 25 MILHÕES** (Folha de S. Paulo, 26 de setembro de 1998)
- **83% SÃO ANALFABETOS FUNCIONAIS** (Folha de S. Paulo, 26 de setembro de 1998)
- **PARTOS DE MENINAS AUMENTARAM 81% NO RIO** (Folha de S. Paulo, 29 de setembro de 1998)
- **SP DESPEJA NA RUA UM TERÇO DE SEU LIXO** (Folha de S. Paulo, 4 de outubro de 1998)

Escreva-lhe uma carta na qual, colocando em discussão as manchetes acima, você tenta convencê-lo de que, apesar de haver de fato problemas, **a imagem que se faz de nosso país, a partir do noticiário**, é parcial, e que, portanto, **continua valendo a pena vir para o Brasil**.

Comentários sobre o Tema C

O candidato atento às características do tema C deve ter notado que o de 99 trouxe uma peculiaridade em relação aos anos anteriores: tradicionalmente, pedia-se que fosse redigida uma carta a destinatários “conhecidos”, quer através da mídia (Fernando Collor, Marta Suplicy, Antônio Ermírio) quer através da coletânea (Sr. E.B.M., General Nilton Cerqueira, etc....). Em outras palavras, para que a imagem do interlocutor fosse construída, o candidato dispunha de informações que o “mundo real” lhe fornecia, ou que a própria prova lhe apresentava.

A tarefa do Tema C 99, no entanto, apresentou como interlocutor nada mais, nada menos que o “ilustre senhor...AMIGO”?? Como assim? Para um amigo, eu escreveria uma carta contando as novidades da minha vida, perguntaria como vai a vida dele, faria algumas confidências, recordaria alguns episódios da nossa amizade. Mas como poderia esta minha carta ser **argumentativa**!? Como eu poderia **construir** a imagem de uma pessoa que eu conheço... tão bem!? Ora, se o amigo é meu, ninguém tasca, eu vi primeiro! Portanto posso caracterizá-lo da maneira como bem entender??? Sim e não.

Lendo atentamente a introdução ao Tema C, notamos que não se trata de um amigo **qualquer**, mas sim de alguém que

- está em Portugal e deseja vir ao Brasil (talvez morar aqui)
- está (mal) impressionado com as notícias que tem lido sobre o Brasil ultimamente
- confia muito em você.

Então, o que seria mais importante na construção da imagem do meu interlocutor? Dizer que ele é baixinho, bigodudo e simpático, que mora no Além-Tejo e é padeiro, ou ressaltar a insegurança dele em deixar seu país de origem e vir morar num país de situação sócio-econômica “duvidosa”? Perceba que a proposta da prova não é avaliar o seu grau de intimidade para com seu amigo, mas sim sua capacidade de convencê-lo **objetivamente** a vir para o Brasil, certo?

Para tanto, você não vai utilizar-se de chantagem emocional de qualquer espécie, nem mesmo tentar intimidá-lo, ameaçando romper a amizade de vocês, etc... Lembre-se de que, além de ser uma “carta”, o tema C propõe um texto **argumentativo** e, para executar tal tarefa, você deverá acionar a **coletânea** (a amostra de manchetes, que seu amigo gentilmente recortou do jornal e enviou para você). A partir desta, seu projeto de texto deveria elencar argumentos capazes de mostrar ao seu amigo que “a imagem que se faz do nosso país, **a partir do noticiário**, é **parcial**, e que, portanto, continua valendo a pena vir para o Brasil”. Ou seja, você poderia, por exemplo:

- expor o **conteúdo** das manchetes em questão, relativizando os fatos negativos, atribuindo sua divulgação a um certo viés sensacionalista do jornalismo
- aceitar algumas manchetes como verdadeiras e considerar outras discutíveis ou parciais, mostrando o “outro lado” delas
- aceitar que há um conjunto de problemas reais, que as manchetes resumem, mas acrescentar um conjunto de fatos/dados positivos a respeito do Brasil.

Tendo agora em mente o que era fundamental para a boa execução da tarefa proposta pelo Tema C, vamos ao seguinte exemplo:

Exemplo de redação

Campinas, 29 de outubro de 1998.

Senhor Marcos,

Li com muita atenção sua carta enviada a mim semana atrás e afirmo: o senhor está equivocado. Seu argumento parte de uma premissa extremamente ingênua: aquela que procura associar a visão de um único meio de comunicação a subdesenvolvimento. Por conseqüência, o senhor adota uma postura radical e reducionista ao desistir da vinda ao Brasil, ignorando o contexto político em que as notícias foram divulgadas.

Vejamos: O senhor parte do pressuposto de que o jornal Folha de São Paulo espelha, de maneira imparcial, a realidade brasileira. Aí está um primeiro equívoco. Ao esquecer o caráter ideológico presente na divulgação e veiculação das manchetes, o senhor ignora a posição do jornal frente às eleições ocorridas no país, frente aos grupos dominantes, frente ao poder instituído. A crença inocente na imparcialidade da Folha de São Paulo oculta sua existência enquanto instituição de poder, órgão de comunicação de massa, que divulga a apologia da civilização ocidental, da civilização do dinheiro, do lucro, da crença presunçosa na lei do mercado. O problema, portanto, origina-se na adoção de uma premissa dessa natureza, que o faz crer ingenuamente na visão de um único órgão de imprensa.

Concordo com os problemas estruturais que o país enfrenta, mas discuto a leitura superficial e descontextualizada das manchetes do jornal, que, apesar de supostamente democrático, é extremamente conservador. Ao citar a quantidade de analfabetos funcionais e de leitores sem 1º grau, o jornal claramente induz os leitores a igualarem discernimentos com escolaridade, propondo, implicitamente, a incapacidade de escolhermos nossos governantes. Ao indicar a ausência de fatores estruturais e essenciais nas escolas (água, luz, telefone), a Folha, através de um discurso fortemente apelativo e demagógico, cria uma imagem relativamente distorcida da realidade educacional brasileira, intensificada pelo interesse eleitoreiro da instituição. Atacando fortemente as duas metrópoles nacionais, São Paulo e Rio de Janeiro, o jornal demonstra sua faceta ideológica e manipuladora, desejando influenciar na escolha da esfera política e econômica que se formou nas eleições. O problema, portanto, é a distância que se abre entre a ética da retórica e a realidade da prática, entre o discurso da livre imprensa e o sectarismo e parcialidade do jornal, entre a defesa inócua da democracia e a manipulação perversa de leitores e eleitores, entre o Ocidente e Miami.

Não se trata de um discurso moralista e rebelde, mas uma tentativa de ajudá-lo a perceber os implícitos que permeiam os meios de comunicação. Os problemas estruturais brasileiros nascem historicamente, da dificuldade de internalização dos valores da cultura ocidental civilizada. Não são conseqüências apenas dos atuais governantes.

Ainda espero sua vinda ao Brasil. Ainda espero que perceba a parcialidade de indicar a quantidade de miseráveis presentes no país, explicitando os interesses de poder da instituição “Folha de São Paulo”, os interesses econômicos e, por conseqüência, interesses eleitoreiros. Ainda creio que o senhor perceba a parcialidade e precariedade ética da imprensa brasileira, em especial do jornal que citou. Por fim, perdoe-me o senso comum, mas vale a pena a vinda ao Brasil.

Atenciosamente,
L.A.H.

Comentários

O que mais nos chama a atenção neste texto é o tom formal com que o “amigo” é tratado. O candidato poderia ter optado por não chamá-lo de “senhor”, mas sim “querido Marcos”, ao invés de despedir-se com um “atenciosamente”, dizer “um forte abraço”, “até logo”, etc. Poderia também ter comentado algo a respeito da profissão, do cotidiano de seu amigo para que este ganhasse uma dimensão mais consistente. Caso tais elementos aparecessem no interior da carta (e, eventualmente, contribuíssem para fortalecer o projeto de texto), de forma alguma o candidato teria realizado inadequadamente a tarefa (pelo contrário!). No entanto, não seria adequado que em sua carta somente constassem infor-

mações deste tipo (“Como vai a tia do Carmo?”, “E a padaria?”, “E esta barriguinha, será que tem jeito?”, etc., etc.).

Mas, ao abrir mão da caracterização mais “informal” do interlocutor, será que este candidato conseguiu construir uma imagem suficientemente definida do mesmo? Logo no primeiro parágrafo, o candidato afirma que o Sr. Marcos está “equivocado”, pois está partindo “de uma premissa extremamente ingênua” e que está adotando “uma postura radical e reducionista”. No segundo parágrafo, é dito que o destinatário “ignora a posição do jornal (no caso, Folha de S. Paulo) frente às eleições ocorridas no país...”, e que demonstra uma certa “crença inocente na imparcialidade” do referido jornal. Mais adiante, no penúltimo parágrafo, o remetente diz que a carta que escreve tem o propósito de “ajudá-lo a perceber os implícitos que permeiam os meios de comunicação”.

Trocando em miúdos, o candidato caracteriza seu interlocutor como alguém que tem uma visão muito limitada dos fatos que ocorrem no Brasil, pois acredita cegamente (ou “ingenuamente”) nas manchetes de “um único órgão de imprensa”, desconsiderando totalmente o contexto em que estas foram publicadas (nas eleições), bem como a orientação ideológica daquele jornal. Portanto, o Sr. Marcos é equivocado, ingênuo, radical e reducionista. E, uma vez que a prova não busca avaliar o grau de intimidade entre remetente e destinatário, este texto demonstra que o candidato entendeu e executou adequadamente a tarefa proposta.

Em contrapartida à ingenuidade abundante do interlocutor, o projeto de texto do candidato não é nada ingênuo. Ao traçar o perfil do Sr. Marcos, o autor já está cumprindo em parte o tema proposto: “a imagem que se faz de nosso país, a partir do noticiário, é parcial”. Das manchetes citadas na carta do Sr. Marcos, o candidato destaca o seguinte aspecto: atacar os problemas educacionais (quantidade de analfabetos funcionais, problemas de infra-estrutura nas escolas) não passa de um “discurso demagógico e apelativo” muito apropriado para a época de eleições, que tem como objetivo último afirmar que o eleitorado brasileiro é incapaz de escolher seus governantes.

Ao concluir, o autor afirma que “os problemas estruturais brasileiros nascem historicamente, da dificuldade de internalização dos valores da cultura ocidental civilizada”. Desta forma, os problemas do Brasil são muito mais complexos e é preciso conhecer este país e sua história para entendê-lo; a superficialidade e parcialidade de algumas manchetes de um jornal não conseguem traduzir a situação real do mesmo.

Afinal, vale a pena vir para o Brasil? Segundo o autor, sim. Talvez mais pelo desafio do que por alguma espécie de vantagem ou “aspecto positivo” (note que o candidato não aponta nenhum!). No entanto, não podemos deixar de admitir que ele cumpre a segunda parte da tarefa, pois consegue “relativizar o conteúdo das manchetes em questão, atribuindo sua divulgação a um certo viés sensacionalista do jornalismo”. E, dentro deste projeto de texto, tentar convencer o amigo através do clima, do carnaval e do futebol não cairia nada bem...

Exemplo
de redação

Feliz (RS), 29 de Novembro de 1998.

Ao meu prezado amigo Joaquim.

Respondo-lhe pela última carta que recebi, e devo confessar a tristeza em saber que tais notícias o preocupem.

Desde que saí de Coimbra, há trinta anos, não posso dizer que nunca me arrependi de ter vindo ao Brasil e deixado a Europa, mas continuo acreditando ter tomado a decisão mais acertada.

Gostaria de lembrá-lo do tamanho do Brasil, o maior país da América do Sul. É natural que países maiores possuam problemas maiores. Estes, ainda, não são como uma praga que assolam todo o país. Eles se concentram perto das grandes metrópoles urbano-industriais como São Paulo que possui tanto lixo por ser responsável por quase 50% da produção industrial brasileira.

Realmente, Joaquim, essas notícias assustam um indivíduo qualquer, procurando um emprego qualquer. O que já não aconteceria a um engenheiro como você. Nessas pesquisas estatísticas sobre o Brasil nunca são levados em conta fatores importantes como a qualidade para ser empregado. E obviamente através de um emprego têm-se acesso a cultura.

Talvez ao transferir ou tirar seu título de eleitor no Brasil, se você escolhe ficar por aqui, teria uma surpresa: Aqui os eleitores são obrigados a votar, mesmo que vivam em regiões onde só plantam e colham, sem qualquer politização.

Ainda existem certos problemas com os quais não se convive no Brasil; terremotos; “tsunami”; Xenofobia acirrada. Lógico, este tipo de repercussão de bom lugar geográfico não vende jornais.

Cidades como Feliz e Florianópolis (SC) entre outras no sul do país, consideradas de primeiro mundo, têm índices de desenvolvimento humanos superiores a Portugal. Lógico, isso não é manchete com letras garrafais.

A relativa estabilidade econômica e o aumento na independência de produção de energia (hoje, já são 80% do que o Brasil precisa) são reflexos de um país em grande desenvolvimento, que como os Estados Unidos e outros desenvolvidos convivem com os problemas sociais. O Brasil vêm querendo emergir da condição pré-conceituada de terceiro mundo. Claro, esse tipo de notícia você poderia encontrar no pé-da-página.

Eu lhe garanto, Joaquim, que há mais recursos, belezas naturais e oportunidades do que saem nos jornais, mas para isso você deveria vir para cá e ver o país com seus próprios olhos.

Infelizmente preciso ir trabalhar, mas espero que esta carta chegue logo a você e que possamos usar os jornais para acender a churrasqueira quando você e sua família vierem em minha casa.

Aguardando Notícias,
MTR

Comentários

Neste texto, o candidato procura mostrar ao amigo Joaquim aspectos positivos para que este não cancele sua vinda ao Brasil. Para tanto, apela para o senso comum de que “notícia boa não vende”. Vejamos o caminho percorrido pelo autor para cumprir a tarefa proposta, ou melhor, o seu **projeto de texto**.

O autor inicia dizendo ter saído de Coimbra há trinta anos, o que nos leva a crer que ele é um imigrante português e que conhece Joaquim desde a época em que ambos moravam em Portugal. Note que este parágrafo funciona (ou ao menos funciona em parte) como introdução à caracterização da imagem do interlocutor, bem como da **máscara**² que o autor pode eventualmente vir a utilizar. A seguir, o amigo de Joaquim confessa que se arrependeu algumas vezes, mas que ainda acredita “ter tomado a decisão mais acertada” ao vir para o Brasil. Criamos, então, a expectativa de que o remetente nos indique por que se arrependeu e depois mudou de idéia. No entanto, no parágrafo seguinte, apesar do bom argumento a respeito da extensão territorial do Brasil (“É natural que países maiores possuam problemas maiores”) e da concentração dos problemas nas grandes metrópoles, ocorre uma ligeira quebra na linha de raciocínio que o candidato vinha esboçando; obviamente, é plenamente possível inferirmos que tal argumento tenha levado o autor a preferir continuar morando no Brasil, uma vez que os problemas deste país, mesmo sendo reais, são “naturais” e podem, de certa forma, apresentar-se “diluídos” dada a “grandeza” do Brasil. Além disto, como afirma o parágrafo seguinte, Joaquim e seu amigo dificilmente serão atingidos por tais problemas, uma vez que pertencem à elite social (eis aqui a volta da imagem do interlocutor: Joaquim é engenheiro).

Até este momento, o projeto de texto parece transcorrer sem grandes problemas. Mas a partir do quinto parágrafo, em que o candidato justifica a falta de formação escolar da maioria dos eleitores brasileiros com a obrigatoriedade do voto (inclusive de agricultores), tem início uma série de “elogios” ao Brasil, que poderiam estar melhor articulados entre si para que a própria argumentação ganhasse força. Mesmo assim, o candidato demonstrou ter compreendido corretamente a tarefa proposta e até poderia ter tido um desempenho acima da média, caso houvesse trabalhado um pouco mais o projeto de texto como um **conjunto** de idéias articuladas que contemplassem também a imagem do interlocutor.

Anulações

Exemplo de redação anulada

Caro amigo,

Devido aos tais problemas que ocorreram aqui, você não necessariamente precisa deixar de conhecer o Brasil.

O Brasil possui seus problemas, a Europa, o Japão, os E.U. também possui. Nem todo país é perfeito.

Aqui no Brasil há muitas coisas bonitas, tais como as praias, as cidades históricas, o cristo o carnaval e muitos outros, garanto que você não vai se arrepender, aliás não vai querer sair daqui nunca mais.

Você não pode perder uma oportunidade de conhecer um país tropical com várias espécies de animais; é tudo muito bonito. Venha!

Agora, se ficarmos pensando sempre no negativo, nunca iríamos viajar para conhecer-mos os outros lugares.

Se você é meu amigo e confia em mim, quando vier verá que eu não estava mentindo.

Abraços
C.A.C.M.

² Entende-se por máscara a utilização de um remetente fictício cuja caracterização possa auxiliar o desenvolvimento argumentativo do texto. Por exemplo: o candidato se faz passar por um médico, ou um imigrante português, ou um padeiro...

Comentários

Além dos problemas evidentes de modalidade (uso da linguagem escrita) e coesão, este texto apenas **mencionou** (bem de leve...) a coletânea. Temos que inferir que os “tais problemas que ocorrem aqui” são os mesmos das manchetes enviadas pelo amigo português. Tentando ser mais sintéticos que o próprio autor, diríamos que o “projeto” de texto se resume na seguinte frase: “Venha para o Brasil porque, apesar dos problemas, ele é liinnndo!!!!” (e o candidato não está mentindo!). Obviamente, este é um desenvolvimento do tema bastante ruim. A anulação, no entanto, se justifica pela não utilização da coletânea.

Exemplo de redação anulada

Um dia recebi uma carta de um amigo que estava morando em Portugal, quando ao abrir a carta, vi o que estava escrito quando o meu amigo falou que estava contente que ele escreveu essa carta, ele falou que ia vir para o Brasil, quando pensei que não poderia vir, por que nós no Brasil estamos ouvindo que a educação aqui no Brasil está sendo uma falta de educação e está sendo abisurdo com as crianças e com os idosos.

Estou escrevendo esta carta por que preciso falar para você meu amigo não vir no Brasil, porque está acontecendo várias coisas muito ruins e em Portugal não tem nada disso.

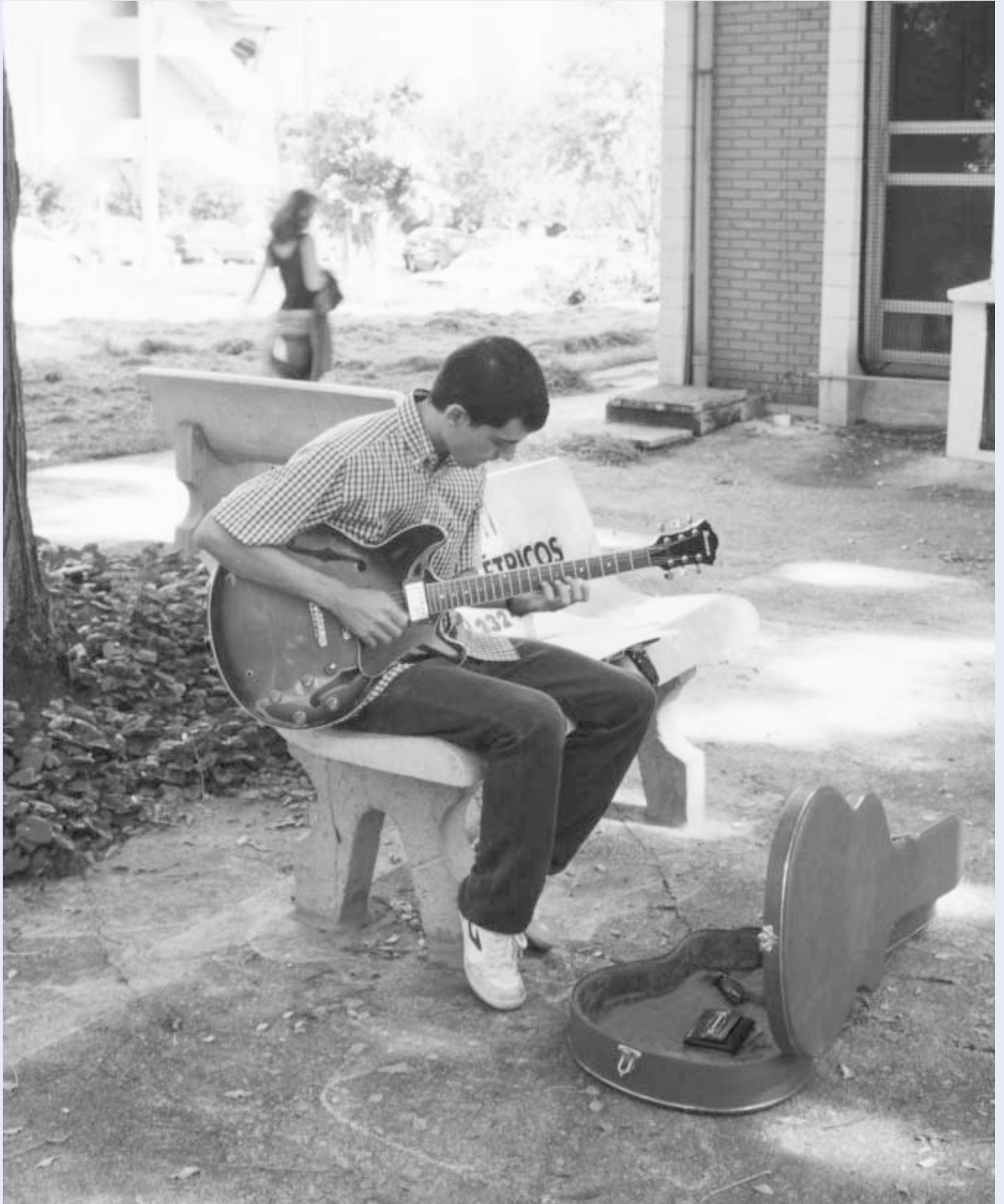
Eu sei que você quer vir no Brasil, por isso estou escrevendo essa carta para pedir alguns dias para você meu amigo ficar por aí, quando a puera abaixar eu mando outra carta.

Quando houver caso de dengue, lepra e leptospirose não encista por que essas doenças pode ser fatal e pode até matar.

Se você decidir se você vier mande uma carta falando que você vem, se não, não mande nada está bem meu amigo.

Comentários

Este é um típico exemplo de texto completamente equivocado em diversos níveis, desde **tipo de texto** (note que o início da carta mais se parece com uma narrativa) até modalidade (uso da linguagem escrita) e coesão. Mas, o “pecado” maior é o fato de que o autor tenta convencer o amigo a NÃO VIR para o Brasil! Neste caso, infelizmente não há salvação... Anulação em tema.



As doze questões gerais que compõem a prova da 1ª fase do Vestibular Unicamp são elaboradas com o objetivo de verificar se há domínio de conceitos básicos, se o candidato sabe tratar dados que lhe são apresentados (isto é, sabe ler, compreender, interpretar e relacionar esses dados) e se consegue redigir sua resposta com clareza e coerência. Nessa fase são formuladas duas questões de cada uma das seguintes disciplinas do núcleo comum do ensino médio: História, Física, Biologia, Química, Matemática e Geografia.

No vestibular 99, pelo menos uma das questões de cada disciplina, foi elaborada em torno do mesmo tema, também central da Redação – o descobrimento do Brasil.

As duas primeiras questões da prova foram de História, abordando conceitos básicos que devem ser do domínio de qualquer cidadão. A questão de número 1 tratava de um tema em evidência na mídia e nas salas de aula e, como já mencionado, atravessou toda a prova da 1ª fase do Vestibular da Unicamp: o descobrimento do Brasil. Essa questão trabalhava com conteúdos básicos da História do Brasil contemporâneo enquanto a segunda questão aproveitava o aniversário da edição do AI-5 para trabalhar com conceitos básicos, tais como democracia e ditadura.

As questões de Física buscaram testar habilidades elementares dentro de contextos do mundo real. A questão 3 aborda um problema técnico de grande relevância para o descobrimento (navegar contra o vento). A questão 4 exige interpretação de gráficos.

As duas questões de Biologia procuraram avaliar conhecimentos básicos relacionados a programa de saúde (Questão 5) e ecologia (Questão 6).

As questões de Química, em geral, procuram avaliar por um lado, conhecimentos simples e fundamentais e, por outro, a capacidade de correlacionar tais conhecimentos na solução de problemas contextualizados. Nesta prova foi apresentada uma questão de conteúdo bem simples e geral (Questão 7) e outra, um pouco mais específica, de aplicação de conhecimentos a uma situação do cotidiano (Questão 8).

As questões 9 e 10, de Matemática, como usualmente, procuraram avaliar conhecimentos gerais dos candidatos, através de problemas simples, geralmente associados ao seu cotidiano. Nessa fase, os objetivos são especialmente os seguintes: leitura e compreensão de textos, interpretação e uso correto de informações numéricas, uso correto de unidades, familiaridade com as operações matemáticas básicas, uso de tabelas e gráficos simples.

Finalmente sobre as questões de Geografia desta prova, a de número 11 teve como objetivo, além de contribuir para a abordagem temática sobre o descobrimento do Brasil, associar o período colonial a uma organização do espaço geográfico específico. A questão de número 12 abordava a atual situação de utilização e de contaminação de recursos hídricos.

Veja a seguir as respostas esperadas, a pontuação atribuída a cada questão e comentários feitos pela banca elaboradora sobre a 1ª Fase do Vestibular da Unicamp.

Questão 1

A base da tese de que o Brasil teria sido descoberto por Duarte Pacheco em 1498 gira em torno de seu manuscrito intitulado “Esmeraldo de situ orbis” produzido entre 1505 e 1508. Trata-se de um relato das viagens de Duarte Pacheco não só ao Brasil como também à costa da África, principal fonte de riqueza de Portugal no século XV. O rei Dom Manoel I considerou tão valiosas as informações náuticas, geográficas e econômicas contidas no documento que jamais permitiu que este fosse tornado público. (Adaptado de: IstoÉ. 26 de novembro de 1997. pp. 65 – 66.)

- Em que o relato de Duarte Pacheco altera a versão oficial do descobrimento do Brasil?
- Por que, no contexto da expansão ultramarina, Portugal procurou manter este relato em segredo?
- Quais os interesses de Portugal com a expansão ultramarina?

Resposta esperada

Esta questão testava a capacidade do candidato de leitura e interpretação de texto. O candidato trabalhava com conteúdos básicos de história do Brasil e de história geral, em parte inferidos a partir do próprio texto do enunciado e, em parte, da sua bagagem de conhecimentos.

Em **a**, esperava-se que o candidato fosse capaz de mostrar que o relato de Pacheco altera a versão oficial do descobrimento do Brasil, porque contém evidência de uma viagem ao Brasil anterior a de Cabral. O candidato chegava a dois pontos neste item se, além desta resposta básica, executasse também um exercício de interpretação histórica, mencionando que o descobrimento do Brasil não foi por acaso.

Os itens **b** e **c** acionavam conteúdos históricos tradicionais, necessários para a compreensão do texto do enunciado, ou seja, para entender o contexto histórico da expansão portuguesa ultramarina. Em

► **b**, o candidato chegava aos 2 pontos, se conseguisse situar melhor a expansão portuguesa no contexto político do período. Uma leitura atenta do enunciado ajudaria na elaboração de uma resposta correta ("informações valiosas" ... "manter em segredo"). O candidato que respondesse rivalidade ou disputa com outras potências marítimas obtinha 1 ponto. Uma resposta mais sofisticada, que se valesse de informações mais precisas, nomeando as potências marítimas rivais de Portugal (Espanha, Holanda, etc.), chegava aos 2 pontos.

No item **c**, para chegar a 1 ponto, a resposta deveria contemplar a dupla idéia de comércio ou exploração comercial (fundar entrepostos, comércio de especiarias ou escravos, monopólio comercial, descobrimento de novas rotas marítimas, etc.) e de ocupação e exploração de territórios. O candidato que situasse a expansão portuguesa dos séculos XV e XVI em um outro contexto histórico, como, por exemplo, no século XIX, falando sobre mercados consumidores – um erro comum – não obtinha ponto.

Comentários

Esta questão tratou de um tema em evidência na mídia e nas salas de aula e que atravessou toda a prova do Vestibular da Unicamp: o descobrimento do Brasil. Ao inserir o descobrimento no contexto da expansão ultramarina portuguesa e europeia nos séculos XV e XVI, ela situava a história do Brasil no movimento da história geral.

O enunciado da questão continha um texto retirado de uma matéria sobre os 500 anos do descobrimento, publicada em revista de circulação nacional (IstoÉ). O item **a** exigia um exercício de leitura e interpretação do texto do enunciado. Os itens **b** e **c**, que o candidato situasse em um contexto histórico as informações ali contidas, acionando, para tanto, a sua bagagem de conhecimentos históricos de história geral e do Brasil e estabelecendo relações entre estes conteúdos.

Portanto, tratava-se de uma questão típica de primeira fase: tema em evidência na mídia e no cotidiano dos candidatos (aniversário do descobrimento); enunciado de fácil compreensão (texto da IstoÉ); exercício elementar de leitura e interpretação de texto; e conteúdo historiográfico tradicional, amplamente abordado no currículo do ensino médio.

O item **a** cobrava um exercício simples de leitura e compreensão de texto que testava não só a capacidade de raciocínio histórico do candidato, mas também a sua habilidade de expressar este raciocínio de forma lógica e coerente na construção da sua resposta. Por exemplo, na resposta mais simples, valendo 1 ponto, o candidato falava que o relato de Duarte altera a data do descobrimento, mas não pontuava se respondesse que Duarte Pacheco afirmou ou disse que descobriu o Brasil ou que foi o primeiro a chegar no Brasil – um outro erro comum. Duarte Pacheco não diz nem afirma isso. O candidato chegava aos 2 pontos nesse item se, a partir da leitura do texto, executasse também um exercício de interpretação histórica, respondendo que o descobrimento do Brasil não foi por acaso. Esse era o ponto que diferenciava e discriminava o candidato melhor preparado, isto é, aquele que demonstrasse um raciocínio histórico mais sofisticado. Esta questão procurava também mostrar que o conhecimento histórico (aqui, no caso, o descobrimento do Brasil) não é estático, isto é, muda com tempo, e é produto de um processo de interpretação.

Questão 2

Em 13 de dezembro de 1968, o governo brasileiro promulgou o Ato Institucional no 5, que, segundo opiniões da época, transformava o regime militar em uma ditadura “sem disfarces”.

- Qual o pretexto utilizado pelo regime militar para editar esse Ato?**
- Cite duas das principais medidas adotadas por esse Ato.**
- Caracterize dois elementos da democracia que a diferenciam da ditadura.**

Resposta esperada

No item **a**, o candidato falava do pretexto utilizado pelo regime militar para editar o AI-5. Para responder, era preciso conhecer o contexto histórico da ditadura militar naquele momento. O item **a** admitia como respostas tanto a idéia de subversão da ordem ou ameaça à segurança nacional quanto o discurso do deputado Márcio Moreira Alves. O item **b** cobrava as medidas do Ato, como por exemplo, o fechamento do Congresso, a instituição de censura, a proibição de manifestações públicas, disfunção do *habeas corpus*, etc. Em **c**, onde se concentrava o núcleo da questão, que o candidato diferenciasse a democracia da ditadura. O candidato podia falar sobre os direitos do cidadão, sobre os direitos do indivíduo ou sobre as características do governo democrático.

Comentários

Esta questão também aproveitava uma efeméride, no caso, o aniversário dos 30 anos da edição do Ato Institucional nº. 5, para se pensar sobre as diferenças entre democracia e ditadura e se refletir sobre estas diferenças na história recente do Brasil. O candidato aqui trabalhava com conceitos e com a sua aplicação em um contexto histórico específico. Ainda que se discuta pouco o conceito de democracia

no ensino médio, o tema democracia aparece em contextos históricos diversos, freqüentemente em oposição ao totalitarismo, desde a Grécia antiga, passando pelas revoluções burguesas, até o Brasil contemporâneo. O totalitarismo e a ditadura militar na história do Brasil são temas bastante conhecidos dos candidatos e o aniversário do AI-5 também esteve em evidência na mídia no ano passado.

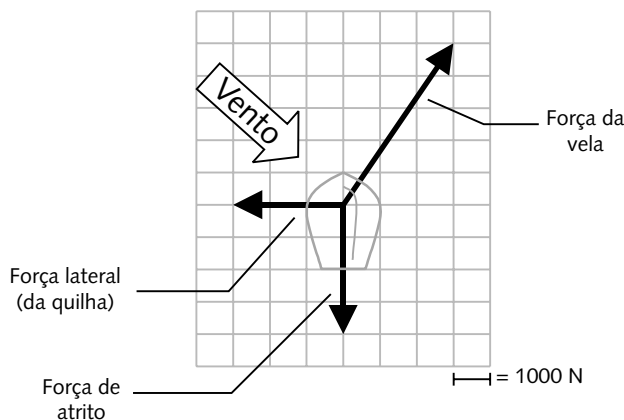
O item **a** não apresentou dificuldades. Respostas imprecisas (como, por exemplo, "desorganização da política") não obtiveram ponto. Muitos candidatos também responderam que o Brasil precisava um regime forte e totalitário sem explicar por quê – ou seja, sem responder qual era o pretexto para a edição do Ato. A pergunta, como de costume na prova da Unicamp, testava também a capacidade de leitura e compreensão do texto do enunciado.

O item **b**, que pedia conteúdo, era o item mais difícil, mas o problema maior na resolução desta questão foi a dificuldade dos candidatos de caracterizar a democracia, o que reflete uma realidade alarmante. A distribuição de notas para esta questão nos mostrou que no mínimo dois terços dos candidatos não conseguiram identificar corretamente duas características básicas da democracia, e que mais de 20% dos candidatos não foram capazes de identificar nenhuma característica! Considerando-se a importância do tema para a formação do cidadão e uma nação mais justa e considerando-se que os 38.000 candidatos representam uma amostra significativa dos jovens brasileiros que completaram o ensino médio, este grau de desconhecimento entre os jovens cidadãos, que são também eleitores, é inadmissível.

Uma resposta correta no item **c** exigia precisão conceitual. Muitos candidatos responderam que na democracia havia eleições e na ditadura não ou que na democracia o povo votava e na ditadura não. Ora, eleição e voto não caracterizam uma democracia e nem a diferenciam da ditadura, mas sim o voto/eleições livres ou o direito ao voto livre.

Questão 3

Na viagem do descobrimento, a frota de Cabral precisou navegar contra o vento uma boa parte do tempo. Isso só foi possível graças à tecnologia de transportes marítimos mais moderna da época: as caravelas. Nelas, o perfil das velas é tal que a direção do movimento pode formar um ângulo agudo com a direção do vento, como indicado pelo diagrama de forças abaixo:

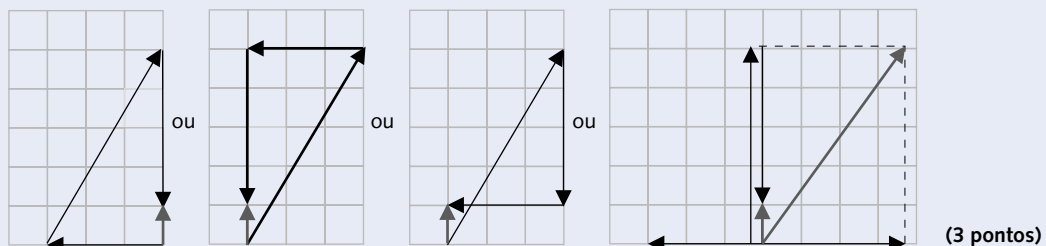


Considere uma caravela com massa de 20000 kg.

- Utilizando a régua que você recebeu, reproduza o diagrama de forças no caderno de respostas e determine módulo, direção e sentido da força resultante.
- Calcule a aceleração da caravela.

Resposta esperada

- a) Essa questão propõe a soma de três vetores. A maneira mais simples de resolvê-la consiste em fazer essa soma graficamente, o que pode ser feito de inúmeras maneiras. Alguns exemplos de soma correta estão representados na figura ao lado. A solução analítica também é possível, mas muito mais trabalhosa e demanda mais tempo.



b) Aplicamos a Segunda Lei de Newton:

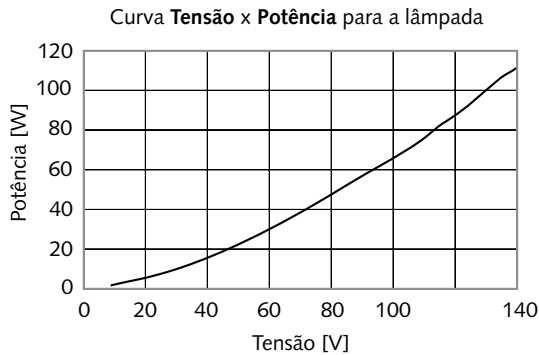
$$F = ma$$

$$a = \frac{F}{M} = \frac{1000 \text{ N}}{20000 \text{ kg}} = 0,05 \frac{\text{m}}{\text{s}^2} \text{ ou } 5 \times 10^{-2} \frac{\text{m}}{\text{s}^2}$$

(2 pontos)

Questão 4

Um técnico em eletricidade notou que a lâmpada que ele havia retirado do almoxarifado tinha seus valores nominais (valores impressos no bulbo) um tanto apagados. Pôde ver que a tensão nominal era de 130 V, mas não pôde ler o valor da potência. Ele obteve, então, através de medições em sua oficina, o seguinte gráfico:

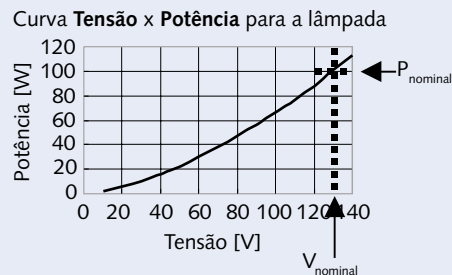


- Determine a potência nominal da lâmpada a partir do gráfico acima.
- Calcule a corrente na lâmpada para os valores nominais de potência e tensão.
- Calcule a resistência da lâmpada quando ligada na tensão nominal.

Resposta esperada

a) Essa questão envolve interpretação de um gráfico e aplicação de conhecimentos elementares de eletricidade. Da leitura do gráfico temos:

$$P_{\text{nominal}} = 100 \text{ W}$$



(1 ponto)

b) $P = VI$

$$I = \frac{P}{V}$$

$$I = \frac{100 \text{ W}}{130 \text{ V}} = \frac{100}{130} \text{ A} = \frac{10}{13} \text{ A} \cong 0,77 \text{ A}$$

(2 pontos)

c) $P = \frac{V^2}{R}$

$$R = \frac{V^2}{P} = \frac{130^2 \text{ V}^2}{100 \text{ W}} = \frac{16900}{100} \Omega = 169 \Omega$$

(2 pontos)

Questão 5

Cada marinheiro da esquadra de Cabral recebia mensalmente para suas refeições 15 kg de carne salgada, cebola, vinagre, azeite e 12 kg de biscoito. O vinagre era usado nas refeições e para desinfetar o porão, no qual, acreditava-se, escondia-se a mais temível enfermidade da vida no mar. A partir do século XVIII essa doença foi evitada com a introdução de frutas ácidas na dieta dos marinheiros. Hoje sabe-se que essa doença era causada pela deficiência de um nutriente essencial na dieta. (Adaptado de: Bueno, E. A viagem do descobrimento. Rio de Janeiro. Objetiva. 1998.)

- Que nutriente é esse?
- Que doença é causada pela falta desse nutriente?
- Cite duas manifestações aparentes ou sintomas dessa doença.

Resposta esperada

- a) Vitamina C ou ácido ascórbico. (1 ponto)
 - b) Escorbuto. (2 pontos)
 - c) Sangramento das gengivas.
Amolecimento e/ou queda dos dentes
Hemorragias cutâneas e/ou nasais.
Cicatrização lenta.
Problemas articulares.
Anemia.
Susceptibilidade às infecções.
- (Quaisquer duas – 2 pontos; o item c não recebeu pontuação quando a resposta b estava errada).

Comentários

Esta questão procurou avaliar a capacidade dos candidatos de utilizar informações oferecidas no texto para chamar atenção sobre um problema de saúde muito conhecido, relacionado à importância das vitaminas para o homem, que não é capaz de produzi-las.

Embora a questão tenha tratado de um aspecto básico da nutrição, enfocando uma vitamina das mais conhecidas, 23,5% dos candidatos tiraram nota zero nesta questão, 10% a deixaram em branco e apenas 8% tiveram nota 5.

Um erro comum verificado durante a correção desta questão foi identificar a doença como gripe, por associá-la com a carência de vitamina C. Este tipo de resposta (acerto apenas no item a) foi responsável pela grande quantidade de notas 1 (20,8%).

Questão 6

A produtividade primária em um ecossistema pode ser avaliada de várias formas. Nos oceanos, um dos métodos para medir a produtividade primária utiliza garrafas transparentes e garrafas escuras, totalmente preenchidas com água do mar, fechadas e mantidas em ambiente iluminado. Após um tempo de incubação, mede-se o volume de oxigênio dissolvido na água das garrafas. Os valores obtidos são relacionados à fotossíntese e à respiração.

- a) Por que o volume de oxigênio é utilizado na avaliação da produtividade primária?
- b) Explique por que é necessário realizar testes com os dois tipos de garrafas.
- c) Quais são os organismos presentes na água do mar responsáveis pela produtividade primária?

Resposta esperada

- a) Porque o oxigênio é liberado na fotossíntese e a produtividade primária está relacionada com a fotossíntese realizada. (2 pontos)
- b) A diminuição da quantidade de oxigênio dissolvido na garrafa escura, onde não ocorre fotossíntese, indica quanto oxigênio é gasto na respiração na garrafa clara, onde está ocorrendo fotossíntese. O valor de oxigênio obtido na garrafa escura somado ao da garrafa clara permite calcular a produtividade primária. (2 pontos)
- c) O fitoplâncton (ou: as algas; algas azuis ou cianobactérias; algas verdes). (1 ponto)

Obs.:

No item b:

- Respostas parciais como “Porque parte do oxigênio liberado na fotossíntese é gasto na respiração” – receberam 1 ponto.
- Respostas que se referiam apenas à ocorrência ou não de fotossíntese – receberam 1 ponto

No item c:

- Respostas como “plâncton” – não receberam ponto.
- Resposta certa associada a uma errada, como por exemplo, “algas e zooplâncton” ou “algas e moluscos” – não recebeu ponto.

Comentários

Esta questão teve por objetivo verificar a capacidade dos candidatos de interpretar um experimento a partir dos dados apresentados no texto. Para responder a esta questão eram necessários conhecimentos básicos sobre os processos de fotossíntese e respiração.

As respostas dos candidatos mostraram que os conceitos de obtenção e gasto de energia através da fotossíntese e respiração não são ainda bem compreendidos pela maioria dos vestibulandos. Muitos deles fizeram confusão ou mesmo mostraram desconhecimento sobre a finalidade de se utilizar garrafas claras ou garrafas escuras para a medição da produtividade. Muitos deles associaram estas garrafas com a fase clara e escura da fotossíntese ou com a medição de poluição, entre outras explicações.

Esta questão apresentou um nível de dificuldade elevado, com 57% de notas 0 e 1, enquanto que

apenas 1% obteve a nota máxima 5. Apesar desta dificuldade, foi uma questão que discriminou adequadamente os candidatos, pois apresentou índice de discriminação geral de 0,60, oscilando entre 0,54 na Área de Artes a 0,62 na Área Biológica.

Questão 7

Um dos grandes problemas das navegações do século XVI referia-se à limitação de água potável que era possível transportar numa embarcação. Imagine uma situação de emergência em que restaram apenas 300 litros (L) de água potável (considere-a completamente isenta de eletrólitos). A água do mar não é apropriada para o consumo devido à grande concentração de NaCl (25 g/L), porém o soro fisiológico (10 g NaCl/L) é. Se os navegantes tivessem conhecimento da composição do soro fisiológico, poderiam usar a água potável para diluir água do mar de modo a obter soro e assim teriam um volume maior de líquido para beber.

- Que volume total de soro seria obtido com a diluição se todos os 300 litros de água potável fossem usados para este fim?
- Considerando-se a presença de 50 pessoas na embarcação e admitindo-se uma distribuição equitativa do soro, quantos gramas de NaCl teriam sido ingeridos por cada pessoa?
- Uma maneira que os navegadores usavam para obter água potável adicional era recolher água de chuva. Considerando-se que a água da chuva é originária, em grande parte, da água do mar, como se explica que ela possa ser usada como água potável?

Resposta esperada

a) $(300 + V_i) C_f = C_i V_i$

$$300 C_f + V_i C_f = 25 V_i$$

$$(300 \times 10) + 10 V_i = 25 V_i$$

$$(25 - 10) V_i = 3000 \text{ L}$$

$$V_i = 200 \text{ L assim}$$

$$V_f = V_i + 300 = V_f = 500 \text{ L}$$

(2 pontos)

ou

Para que a concentração do sal passe de 25 g/L para 10 g/L, deve-se adicionar 1,5 L de água potável para cada litro de água do mar. Deste modo, 300 litros de água potável seriam adicionados em 200 litros de água do mar perfazendo 500 L.

Obs. Não basta apresentar o resultado, o raciocínio utilizado deve ficar evidente. Sem o raciocínio = zero pontos (a+b). Com o raciocínio dúbio os itens a+b = 1 ponto.

b) $500 \text{ L} \div 50 \text{ pessoas} = 10 \text{ L por pessoa}$

$$1 \text{ L} \rightarrow 10 \text{ g}$$

$$10 \text{ L} \rightarrow m$$

$$m = 100 \text{ g}$$

(2 pontos)

c) A água evapora e o sal não

ou

O sal não evapora

ou

No processo de destilação a água fica isenta de sal

(1 ponto)

Exemplos de resolução

Nota 1

a) Para uma concentração de NaCl aproximado (8,3 g/l) para formar o soro fisiológico seria preciso dissolver 1 litro de água do mar em 3 litros de água potável. Assim teríamos 400 litros de soro.

b) 400 litros para 50 pessoas \rightarrow 8 litros para cada.

Em um litro de soro tem 8,3 g de NaCl

Então em 8 litros terá 66,4 g de NaCl.

R: Cada pessoa ingeriu 66,4 g de NaCl.

c) Porque a evaporação que sobe para a formação de nuvens é apenas da água e não do sal.

Nota 3

a) Temos 300 L de água potável. A cada quantidade de água do mar adicionada haverá um aumento na quantidade de NaCl por litro, até a quantidade ideal do soro que é de 10 g de NaCl por litro.

ÁGUA POTÁVEL	ÁGUA DO MAR	TOTAL DE LITROS	NaCl (g/L)
300 L	50 L	350 L	3,5
300 L	150 L	450 L	8,3
300 L	200 L	500 L	10

Logo, a quantidade total será 500 litros de soro fisiológico.

b) $\frac{500 L}{50 p} = 10$ litros por pessoa

$$1 L \text{ — } 25 g$$

$$10 L \text{ — } x$$

$$x = 250 g$$

R: 250 g de NaCl por pessoa.

c) Pois as partículas de NaCl não se evaporam junto com a água, daí a água da chuva ser potável.

Nota 5

a) $d = \frac{m}{v} \Rightarrow 10 = \frac{25 \cdot v}{v + 300} \Rightarrow 25v = 10(v + 300) \Rightarrow 25v = 10v + 3000 \Rightarrow 15v = 3000$

$$v = \frac{3000}{15} \Rightarrow v = 200 L$$

O volume total de soro é de 500 L.

b) 1 L — 10 g

$$500 L \text{ — } x$$

$$x = 500 \cdot 10 \Rightarrow x = 5000 g$$

$$m = \frac{5000 g}{50} \Rightarrow m = 100 g$$

c) Cada homem teria ingerido 100 g de NaCl.

Da solução água do mar, apenas o solvente (H₂O) evapora, enquanto que o soluto (NaCl) permanece no mar. Assim a água da chuva não contém NaCl, sendo potável.

Comentários

Esta questão é muito simples, pois trata de concentração de soluções e do processo de destilação (ou evaporação) onde ocorre a separação de substâncias. Assim mesmo, a média geral foi muito baixa, o que reflete, sem dúvida, a deficiência do ensino da Química nas escolas.

É uma questão que aborda conhecimentos simples e fundamentais em Química. Pode-se admitir que se trata de assunto amplamente visto nas escolas. No entanto, devido, provavelmente ao fato de haver a contextualização, os candidatos não conseguiram realizar a ligação entre o que aprenderam e os problemas colocados. O item a não é difícil, mas é não convencional. Em situações comuns em laboratórios, o solvente não é limitante e sim o soluto ou a solução a ser diluída. Inverteu-se o problema, pois a situação imaginada é possível e verdadeira. Uma situação semelhante acontece quando preparamos, em nossas casas, a forma final de alimentos a partir de sólidos ou de soluções mais concentradas. Por exemplo sucos de frutas.

Questão 8

Após tomar posse das terras “brasileiras”, Cabral seguiu para as Índias, onde se envolveu em um conflito, acabando por bombardear, ininterruptamente, a cidade de Calicut, durante dois dias. A pólvora usada pelos portugueses naquele tempo apresentava aproximadamente a seguinte composição em massa: 66% de nitrato de potássio, 24% de carvão e o restante, enxofre.

a) O oxigênio necessário para a reação explosiva que ocorre com a pólvora é oriundo apenas de um de seus componentes. Escreva a fórmula química deste componente.

- b) Considerando a combustão completa de 1,0 kg de pólvora, calcule nas condições normais de pressão e temperatura o volume de gás carbônico formado nessa reação. (Massa molar do carbono = 12 g mol^{-1})
- c) Desenhe um gráfico que represente esquematicamente a variação da pressão no interior do canhão, em função do tempo, desde o momento em que foi aceso o pavio até depois da saída da bala pela boca do canhão.

Resposta esperada

a) KNO_3 (1 ponto)

b) 100 g de pólvora \rightarrow 24 g de C

1000 g de pólvora \rightarrow m

m = 240 g

12 g de C \rightarrow 1 mol C

240 g de C \rightarrow n mol de C

n = 20 mol de C

$\text{C}_{(s)} + \text{O}_{2(g)} = \text{CO}_{2(g)}$

1 mol de C \rightarrow 1 mol CO_2

20 mol de C \rightarrow 20 mol CO_2

22,4 L \rightarrow 1 mol CO_2

V \rightarrow 20 mol CO_2

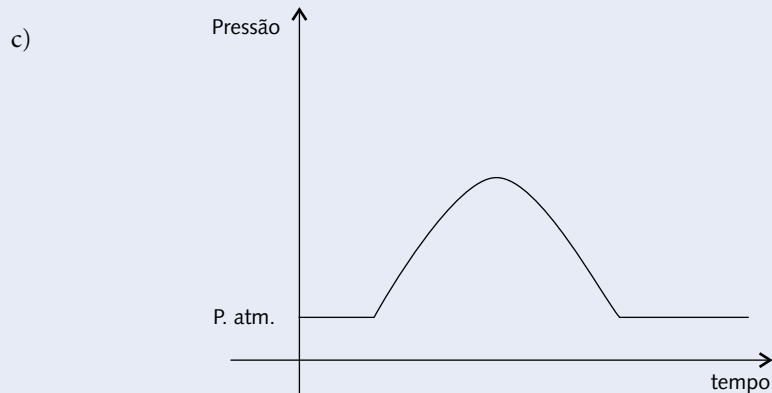
V = 448 L

ou

resolução por: $PV = nRT$ onde o candidato teria de saber o valor de R.

(2 pontos)

Obs. Não basta apresentar o resultado, o raciocínio utilizado deve ficar evidente.



(2 pontos)

Exemplos de resolução

Nota 1

a) O componente é o KNO_3

b) $\text{KNO}_3 + \text{C} + \text{S} + \text{O}_2 \longrightarrow \text{CO}_2 + \text{H}_2\text{O}$

\downarrow \downarrow \downarrow \downarrow \downarrow
 60% 24% 10% 24% 60%

$$\frac{24}{100} + \frac{60}{100} = 0,90 \text{ de massa}$$

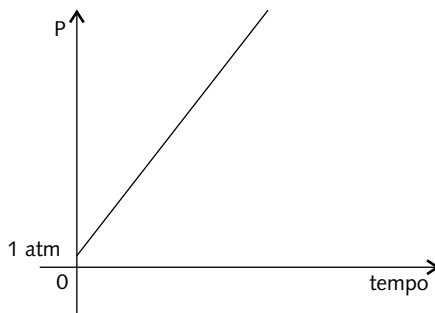
$$PV = nRT$$

$$1 \times V = \frac{m}{M} \times 0,082 \times 273$$

$$V = \frac{0,90}{12} \times 0,082 \times 273$$

$$V = 18 \text{ L}$$

c) $\uparrow PV = \uparrow nRT$



Nota 3

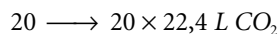
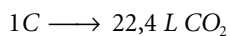
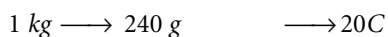
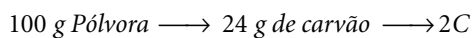
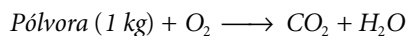
a) K_2NO_3

b) Pólvora

66% Nitrato de Potássio

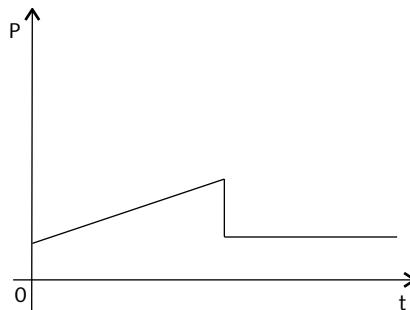
24% Carvão

10% Enxofre



R: 448L CO_2

c) Pressão sobe até a explosão do canhão depois volta a inicial



Nota 5

a) KNO_3

b) 1 kg Pólvora — 240 g C

1 — 12

x — 240

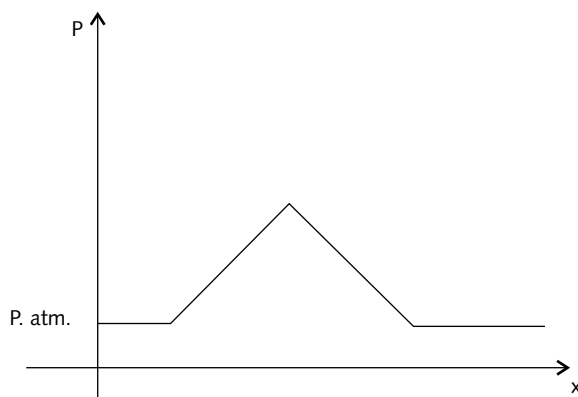
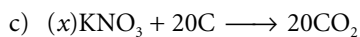
x = 20 mols C

1mol — 22,4 L

20mols — x

x = 448 L

Formam-se 448 litros de gás carbônico



Comentários

O desempenho desta questão foi um pouco abaixo do esperado (média = 1,24 na escala de 0 a 5). Já na sua formulação, a Banca tinha idéia de que o desempenho nesta questão seria menor do que o da anterior, por envolver, no item **b**, estequiometria. Embora a maioria dos candidatos que responderam a questão tenha feito o gráfico, observou-se uma grande dificuldade dos mesmos em apresentar uma resposta que pudesse ser considerada correta. A principal falha consistiu em atribuir valor zero para a pressão antes e depois da explosão. Parece que muitos candidatos entenderam que o único fato relevante a ser representado dizia respeito ao momento da explosão e saída da bala.

Questão 9

Pero Vaz de Caminha, na carta enviada ao Rei de Portugal, afirma:

Esta Terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o Sul vimos, até outra ponta que contra o Norte vem, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa.

- Admitindo-se que a légua a que se refere Caminha seja a légua marítima e que esta equivale a 6.350 metros, qual seria o maior valor, em quilômetros, estimado para a costa?
- No final do século XV admitia-se que a distância, ao longo do equador, entre dois meridianos que compreendem 1° era de 17,5 léguas marítimas. A partir desses dados, calcule o comprimento do equador, apresentando o resultado em metros.
- A latitude da Baía de Todos os Santos, medida na época do descobrimento, era de $15^\circ 40'$ sul. O valor aceito atualmente para a latitude do mesmo local é de $12^\circ 54'$ sul. Calcule o erro cometido, em graus e minutos. Além disso, diga se a medida da época localizava a Baía de Todos os Santos ao norte ou ao sul em relação à localização aceita atualmente.

Resposta esperada

a) $6,35 \times 25 = 158,75 \text{ km}$ (1 ponto)

b) $17,5 \times 6.350 = 111.125 \text{ m}$

$360 \times 111.125 = 40\ 005\ 000 \text{ m}$ (2 pontos)

ou

$360 \times 17,5 = 6.300 \text{ léguas}$

$6.300 \times 6.350 = 40\ 005\ 000 \text{ m}$

c) $15^\circ 40' - 12^\circ 54' = 2^\circ 46'$ (2 pontos)

Localização correta (SUL)

Comentários

A leitura cuidadosa do enunciado mostra que “o maior valor estimado para a costa” corresponde a 25 léguas marítimas.

Esta questão foi adequada aos objetivos da primeira fase: leitura, unidades, operações.

Questão 10

Um torneio de futebol foi disputado por quatro equipes em dois turnos, isto é, cada equipe jogou duas vezes com cada uma das outras. Pelo regulamento do torneio, para cada vitória são atribuídos 3 pontos ao vencedor e nenhum ponto ao perdedor. No caso de empate, um ponto para cada equipe. A classificação final no torneio foi a seguinte:

Classificação	Equipe	Número de pontos
1º lugar	A	13
2º lugar	B	11
3º lugar	C	5
4º lugar	D	3

- Quantas partidas foram disputadas em todo o torneio?
- Quantos foram os empates?
- Construa uma tabela que mostre o número de vitórias, de empates e de derrotas de cada uma das quatro equipes.

Resposta esperada

a) 12 partidas (1 ponto)

b) 4 empates (1 ponto)

c)

	V	E	D	T
A	4	1	1	13
B	3	2	1	11
C	1	2	3	5
D	0	3	3	3

(3 pontos)

Comentários

Os candidatos tiveram dificuldades para utilizar as informações da tabela; especialmente observar que em 12 partidas o número total de pontos é 36 e que as 4 equipes somaram apenas 32 pontos. Isto significa que 4 pontos desapareceram, o que corresponde ao número de empates. Também deve ser observado que o número de empates (coluna central, na tabela-resposta) é igual a 8 pois cada empate conta para as duas equipes.

Questão 11

Ao desembarcar na América, em 1500, o colonizador português deparou-se com um meio geográfico completamente diferente do seu. Contudo, é exagerado afirmar que o colono europeu teve muitas dificuldades para adaptar-se às áreas tropicais. Realmente, povos oriundos de climas frios, e por isso afeiçoados a eles, geralmente sofrem mais nas zonas climáticas quentes. Entretanto, o europeu encontrou fortes estímulos que compensaram esse desconforto climático. Não veio para a zona tropical para ser trabalhador, mas para ser dirigente da produção mercantil. (Adaptado de: Prado Júnior, C. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo. Brasiliense. 1961. pp 13 –26.)

- Quais foram os estímulos encontrados pelo colonizador português para que viesse para o Brasil e aqui permanecesse?
- Caracterize a relação de trabalho fundamental que se estabeleceu na colônia.
- Por que, durante o período colonial, a população de origem portuguesa no Brasil se concentrou basicamente no litoral?

Resposta esperada

- diversidade das condições naturais
– obtenção de gêneros de grande valor comercial, inexistentes na Europa
– doação de terras
– direção de um negócio altamente rentoso: outros trabalhariam para ele, inicialmente a população nativa depois os negros africanos
- exploração do trabalho escravo

- ▶ c) – pau-brasil encontrado na Mata Atlântica,
- instalação dos engenhos de açúcar e as primeiras vilas no litoral,
- maior proximidade da Europa,
- facilidades para escoamento dos produtos,
- localização estratégica para a defesa do território.

Comentários

O objetivo desta questão, além de contribuir para uma abordagem temática dos 500 anos do descobrimento do Brasil, foi associar o período colonial a uma específica organização do espaço geográfico.

A questão trata de conhecimentos geográficos ligados à questão histórica, valorizando, portanto, a interdisciplinaridade através das possibilidades de entendimento *da dimensão histórica da produção do espaço geográfico*.

Os vestibulandos não encontraram muita dificuldade para respondê-la. O tema abordado é muito trabalhado desde o ensino fundamental, o que facilitou as respostas dos candidatos. Isto pode ser confirmado pela baixa porcentagem de zeros (6,1%) e de respostas deixadas em branco (3,8%), totalizando 9,9% das respostas. A maioria dos candidatos atingiu as notas 2 (dois) (29,0%) ou 3 (três) (33,2%), somando 62,2% das provas.

O texto apresentado de Caio Prado Jr. objetiva demonstrar a possibilidade de adaptação do homem às condições geográficas consideradas adversas. Em outras palavras, trata-se de um texto que argumenta implicitamente contra o determinismo geográfico. Só isso já é suficiente para demonstrar a importância deste tema para a Geografia no combate às idéias deterministas que, embora superadas cientificamente, exercem ainda uma forte influência ideológica.

Para responder ao item a, o candidato poderia inspirar-se no próprio texto apresentado que argumenta que o português **“não veio para a zona tropical para ser trabalhador, mas para ser dirigente da produção mercantil?”**. Portanto, outros trabalhariam para ele. Que produção era essa na zona tropical? Só poderia ser a de gêneros de grande valor comercial, típicos desta zona tropical. Aqui já estão anunciados os dois elementos responsáveis pelos pontos atribuídos a esse item.

Entretanto, apesar da facilidade, muitos candidatos responderam baseados nos estereótipos difundidos a respeito da impressão que os portugueses tiveram sobre as novas terras, relacionados ao exotismo das mesmas. Estas idéias podem ser encontradas no exemplo que se segue:

a) *A vegetação, o clima, as vestimentas dos índios.*

Outros vestibulandos conseguiram construir para este item uma resposta parcialmente correta, entendendo o interesse do colonizador em ser proprietário de terras:

a) *O colonizador europeu, que lá na Europa não tinha privilégios, aqui seria valorizado, sendo o dono de muitas terras.*

Outros continuaram acertando parcialmente o item, porém fazendo referência ao outro elemento da resposta:

a) *Movido pelo ideal mercantilista, o colonizador português permaneceu no Brasil estimulado pelas riquezas naturais da colônia, como o pau-brasil, por exemplo.*

A maioria obteve os 2 pontos do item referindo-se ao fato dos portugueses terem vindo ao novo mundo para serem senhores de terras e para atuarem na produção e comércio de cana-de-açúcar:

a) *Houve muito estímulo da Coroa portuguesa para proporcionar a colonização brasileira. O mais marcante estímulo foi a doação de terras por parte de Portugal (capitanias). Além disso, o comércio da cana-de-açúcar era muito lucrativo, levando os colonizadores a permanecerem aqui.*

O item b desta questão, com valor de 1 ponto, foi o único a apresentar uma certa dificuldade de compreensão: deveria ser caracterizada a relação de trabalho fundamental durante o período colonial. Muitos candidatos restringiram a resposta à mão-de-obra indígena, descaracterizando a grande importância dos escravos negros oriundos da África, como se verifica nos exemplos a seguir:

b) *Os índios eram obrigados a trabalhar para os portugueses.*

b) *Na colônia o trabalho que se estabeleceu foi o da mão-de-obra escrava e alguns indígenas aprisionados para o mesmo fim.*

Veja agora um exemplo de resposta certa:

b) *A relação de trabalho fundamental foi a escravidão negra, onde o escravo era visto como uma ferramenta e submetido a um trabalho compulsório, não havendo, portanto, nenhum direito dos escravos, levando à falta de respeito e total exploração por parte dos senhores, donos de escravos.*

Para responder ao item c o vestibulando deveria justificar a permanência do colonizador na área litorânea durante o período colonial. Também aqui não era difícil chegar a uma resposta satisfatória. O primeiro produto comercializado pelos portugueses, o pau-brasil, era encontrado na Mata Atlântica. Os primeiros engenhos de açúcar e vilas também foram instalados no litoral. Portanto o litoral possuía as condições adequadas ao tipo de exploração ambicionada pelos portugueses naquelas terras e naque-

le momento. Além disso, para a comercialização e para a defesa do território, o litoral era estratégico. Um outro elemento possível de ser pontuado neste item refere-se ao medo de ir mais para o interior e encontrar indígenas hostis.

Muitos candidatos entretanto, não tendo conhecimentos nem habilidade necessária para responder o item, arriscavam uma resposta qualquer, como a que se segue:

c) *Porque no início, eles imaginavam que o Brasil era uma ilha e que só existiam terras ali. Só mais tarde, explorando todo o litoral, verificaram que havia mais terras em outras regiões.*

Outros acertavam parcialmente o item, como neste exemplo:

c) *Porque o principal produto desta época, o Pau-Brasil, se encontrava nas matas litorâneas do país (Mata Atlântica).*

Ainda apareceram outras tentativas, também parciais, mas pela via das facilidades para a comercialização de mercadorias:

c) *Porque a primeira porção a ser explorada foi o litoral. A atividade portuária intensificou-se pois mandava-se matéria-prima para metrópole via portos do litoral.*

Examine agora um exemplo para o qual foram atribuídos os dois pontos, mesmo sem abordar todos os elementos sugeridos, atendo-se às atividades comerciais e às dificuldades de interiorização devido às possíveis hostilidades indígenas:

c) *A primeira atividade econômica no Brasil-colônia foi a exploração do pau-brasil, que ocorreu no litoral. Depois, com o comércio da cana-de-açúcar, a facilidade para transporte, fez com que houvesse uma concentração no litoral. Além disso, a ameaça do indígena impedia a interiorização da população.*

Assim, tanto os itens c como o a, apesar de valerem no máximo dois pontos cada um, ofereciam várias possibilidades de respostas, o que beneficiou os candidatos.

Questão 12

DIFERENTES UTILIZAÇÕES DA ÁGUA

SETORES	Consumo em bilhões de m ³ /ano	Água não restituída com qualidade para o consumo em bilhões de m ³ /ano
Coletividades (água potável)	200	40
Indústrias e energia	710	60
Agricultura	2.300	1.700
TOTAL	3.210	1.800

(Adaptado de: Margat, Jean-François. *A água, ameaçada pelas atividades humanas*. In Wikowski, N. (coord). *Ciência e tecnologia hoje*. S. Paulo. Ensaio. 1994. p.57-59.)

De acordo com a tabela apresentada acima, mais da metade do volume de água utilizado pelo homem não é restituída com qualidade para o consumo humano.

- Explique por que isto ocorre.
- Cite duas causas e duas conseqüências do aumento mundial do consumo de água doce.
- Cite duas medidas que podem ser tomadas para um uso mais racional da água doce do planeta.

Resposta esperada

- falta de tecnologia/ falta de tratamento, falta de verbas
 - poluição, contaminação
 - uso excessivo/ desperdício
- Causas:
 - aumento da população/urbanização
 - aumento da industrialização
 - consumismo/desperdício
 - expansão da agricultura
 Conseqüências:
 - escassez/falta de água
 - disputa pela água (guerras, conflitos)
 - comprometimento dos lençóis freáticos
 - riscos para a flora, fauna e saúde humana
 - contaminação/poluição da água potável
 - aumento do preço da água.
- Quaisquer duas medidas:
 - novas tecnologias para reaproveitamento da água (utilização de filtros pelas indústrias, irrigação em circuito fechado etc.)

- campanhas de conscientização social
- fiscalização e controle/pagamento pela água
- construção de ETEs e expansão da rede de esgotos

Obs.: uso racional / evitar o desperdício*, como banhos prolongados, lavagem de automóveis, calçadas, usos de máquinas de lavar, etc.

*só foi aceito quando estava exemplificado

Comentários

Esta questão, como a anterior, foi uma das mais fáceis da prova de conhecimentos gerais. A média foi de 2,35 e o melhor desempenho foi registrado para os candidatos da área de biológica que obtiveram a melhor média (2,38), enquanto que os candidatos de artes conseguiram a média mais baixa (1,94).

Por ter sido uma questão relativamente fácil, cerca de 50% dos candidatos obtiveram nota maior que 3, entretanto apenas 5,8% obtiveram nota 5.

O objetivo era verificar o conhecimento dos candidatos sobre a atual situação de utilização e de contaminação dos recursos hídricos, bem como sobre as possibilidades de reverter tal situação a partir do uso mais racional da água doce do planeta, indicando duas medidas ou ações possíveis de serem tomadas.

A maior dificuldade encontrada pelos candidatos que erraram completamente a questão (6%), ou mesmo para aqueles que conseguiram nota 1 (15%) e 2 (20%), foi a de relacionar o que estava sendo perguntado no item **a** com a leitura da tabela apresentada. Não compreenderam o que lhes foi perguntado. Para explicar **por que a maior parte da água utilizada não é restituída com qualidade para o consumo humano**, o primeiro passo seria o de realizar uma **leitura** atenta **da tabela** para poder concluir que **é a agricultura a atividade que mais compromete a qualidade da água**. O segundo passo seria se perguntar: **por que isso acontece?** Ora, se este raciocínio fosse feito, o candidato jamais escreveria uma resposta como esta, encontrada em uma das provas:

a) *a água é contaminada por esgotos.*

Claro que é! Mas não numa proporção que comprometa o abastecimento de água potável no futuro. Com a leitura correta da tabela, o candidato facilmente poderia perceber que o substancial é a quantidade de água contaminada pelos produtos químicos utilizados pela atividade agrícola, na forma de defensivos, fertilizantes etc.

Alguns candidatos deram ênfase à atividade industrial, que utiliza e compromete muito menos água que a atividade agrícola:

a) *Isto ocorre porque o setor industrial polui muito e a grande quantidade de água que utilizam com produtos que impedem o seu reaproveitamento.*

Nestes casos, a postura da banca corretora foi a de considerar a resposta correta, devido a baixa incidência de respostas adequadas para este item.

Respostas genéricas ou discursos vazios de conteúdo foram encontrados também com alguma frequência:

a) *o capitalismo é o responsável pelo grande consumo de água.*

Seria talvez admissível responder assim, mas especificando como e por quê. Foi também comum encontrar o discurso ambientalista, também despido de conteúdo, como poderemos ver nos exemplos a seguir:

a) *isto ocorre por causa da falta de interesse do homem com a natureza. O homem pensa mais no dinheiro do que com ela.*

a) *as pessoas não têm consciência sobre a importância da água e a desperdiçam.*

Respostas desse tipo remetem a um outro tipo de problema: a ênfase na questão do consumo individual (pessoal) de água: *lavagem de carros, banhos prolongados, lavagem de calçadas, torneiras pingando ou deixadas abertas por esquecimento*. Sem dúvida nenhuma isto contribuiu para agravar o problema, mas em que proporção?

O consumo realizado pelas usinas hidrelétricas foi também bastante citado, mas inúmeras vezes num contexto equivocado, relacionando-o aos problemas ambientais advindos do desmatamento realizado para o represamento da água. Isto realmente produz sérios impactos, podendo comprometer o chamado equilíbrio ecológico (ou da natureza), contudo, a questão formulada referia-se **ao tipo de consumo de água e de como o consumo com as características apontadas pela tabela pode comprometer o abastecimento no futuro**.

Muitos candidatos também demonstraram possuir dificuldades para entender a terminologia utilizada na questão, como por exemplo **água doce**, empregando-a literalmente. Como o candidato não sabia o que era esta água, não entendeu o que foi perguntado, confundindo água doce com água não-tratada, ou o oposto de água canalizada: *não havendo água encanada, a população precisa buscar a água*

doce aumentando o número de doenças por ela não ser tratada.

A incidência de respostas redundantes e repetitivas foi considerável, denotando dificuldades para se produzir uma resposta coerente, articulando os seus vários itens ou aspectos. Os mesmos pontos abordados no item a, apareciam repetidos nos demais, com bastante frequência, principalmente quando as referências eram o consumo individual e o desperdício.

Na resposta ao item c, a maioria dos candidatos não encontrou dificuldades. As possibilidades de soluções encontradas foram mais ou menos óbvias, o que entretanto não prejudicou a avaliação.

Veja agora um exemplo de nota 5:

- a) *Isto ocorre porque a maioria das regiões da Terra não possui formas eficientes de tratamento de água, que, depois de consumida, é lançada em rios e mares.*
- b) Causas: *Aumento da população mundial*
Aumento da industrialização, exigindo mais energia (hidrelétricas)
Conseqüências: - *Possível esgotamento das fontes de água doce;*
- *Crescimento da imigração de populações para onde há maior disponibilidade de água.*
- c) Medidas: *Conscientização das pessoas, para evitar “esbanjamento”;*
Expansão do tratamento de águas, para que possa ocorrer uma reutilização.